

Relatório

341.44

Fazenda

do

Rosário

## PREFÁCIO

Em novembro de 1932 foi criada por um grupo de educadores, médicos, e demais pessoas interessadas a Sociedade Pestalozzi, com sede em Belo-Horizonte. Associação civil, visava dar assistência à infância anormal, estudando-lhe as diversas formas de deficiência e distúrbios mentais, as suas causas e os meios de seu tratamento médico-pedagógico.

Prestando serviços regulares às classes de crianças retardadas nos Grupos escolares de Belo-Horizonte, orientava seus professores em métodos mais apropriados do ensino ; atendia a crianças nervosas, com distúrbios motores, de linguagem, da conduta em seu Consultório médico-pedagógico, onde um grupo de voluntários entre médicos, enfermeiras, psicologistas e educadores formavam uma equipe ; divulgava noções de Higiene Mental, em palestras, cursos e folhetos ; redigia uma revista periódica, " Infância Excepcional " ; fazia pesquisas e inquéritos sôbre crianças retardadas; traduzia obras pedagógicas como a de Alice Descoedres " Educação das crianças retardadas " ; publicava em volume da Editora Nacional de São Paulo seu Simposium : " Fundamentos da Educação " ; distribuía para melhor estudo da criança a "Ficha de desenvolvimento mental" e para melhor conhecimento de seu patrono, " A vida e a obra de Pestalozzi ", da autoria de Firmino Costa, etc..

Em 1935 as atividades da Sociedade Pestalozzi concentraram-se no Instituto Pestalozzi, do qual o Govêrno de Minas, solicitado pela diretoria da Sociedade, construía um pequeno e primeiro pavilhão, em 1934, à rua Ouro Preto - Nº 624, em Belo-Horizonte.

Colaborando com a obra oficial, a Sociedade mantinha no Instituto um laboratório de pesquisas endocrinológicas, de exames clínicos, com a atenção especialmente voltada para o tratamento anti-sifilítico e de diversas formas de verminose. Na parte pedagógica, orientava os educadores

na reeducação dos excepcionais, dos surdo-mudos e gogos ; amparava um grupo numeroso de meninos do " Abrigo de Menores " da Secretaria do Interior, dando-lhes assistência social e a aprendizagem vocacional numa série de oficinas que montou no Instituto Pestalozzi (tipografia, encadernação, sapataria, carpintaria, tecelagem).

Não descuidou dos bem dotados, atraindo a atenção dos Grupos escolares de Belo-Horizonte sobre o problema desses excepcionais quando não recebem a assistência que exigem seus dotes ; organizou no galpão do Instituto Pestalozzi uma série interessante de palestras sobre os grandes vultos da humanidade, despertando neles o sentido da responsabilidade e de liderança bem entendida.

---

Em 1939 terminava o curso primário a primeira turma dos alunos do Instituto Pestalozzi. Sob a pressão da necessidade de assistir esses menores, que não se achavam em condições de continuar os estudos em outros estabelecimentos nem de se empregar em ocupações profissionais, resolveu a Sociedade Pestalozzi adquirir uma propriedade rural e nela instalar uma Escola-Granja para menores desajustados e crianças excepcionais.

Associação beneficente, sem recursos financeiros, conseguiu levantar em poucos meses um modesto capital, com donativos e subscrições entre amigos e com a participação principal dos " Diários Associados ", cujo diretor, Dr. Assis Chateaubriand remeteu 86 contos de réis, resultado de uma intensa " campanha " em benefício da Sociedade Pestalozzi pelos jornais do Rio, de Minas e outros Estados.

De posse de 120 contos de réis, quantia então de bastante importância, foi possível, após intensas procuras e viagens, comprar um sítio de quarenta alqueires, nas imediações de Belo-Horizonte, em Ibirité. Distante de 26 quilômetros da capital mineira, servida pela rodoviária de Oliveira (S. Paulo também) a dois quilômetros da estação ferroviária (E.F.C.B.) o sítio apresenta-

se com muitas boas qualidades : pitoresco, em clima salubre, a mais de 800 ms de altitude, servido de aguadas abundantes ; as terras, embora já "cansadas", podendo ser restauradas por processos racionais da lavoura, foi êste sítio de modestos lavradores transformado em sede de uma obra social. A sua antiga denominação e que consta dos mapas geográficos da região - Fazenda do Pantana e do Sumidouro - foi mudado no ato de passar a escritura, em 30 de dezembro de 1939, quando passou a ser conhecida sob o nome de " Fazenda do Rosário ". Por que razão ? perguntará talvez o leitor : o sítio tendo sido encontrado em 5 de outubro, mês da N.S. do Rosário, bastante festejada nestas bandas, recebeu êste nome, em substituição ao antigo, que não harmonizava bastante com as esperanças que nessa fazenda depositavam os fundadores da nova obra.

A história desta FAZENDA DO ROSÁRIO em seu primeiros anos de funcionamento como órgão vital da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, será aqui contada da maneira singela, valendo-se de Diários e anotações que registram os estabelecimentos de ensino e diversos serviços, nela progressivamente instalados.

Nascida da preocupação sincera de dar à criança, depois ao adulto, primeiramente ao ser deficiente e desajustado, depois a grupos de indivíduos hígidos e capazes, um ambiente propício ao desenvolvimento das fôrças construtivas do homem para seu melhor serviço como membro útil de uma robusta coletividade, a FAZENDA DO ROSÁRIO cresce e se desenvolve ela mesma. Hoje, com seus doze anos vividos em constantes aumentos, transformações e com uma área de 300 H<sup>2</sup>, representa ela alguma coisa na experiência pedagógica do Brasil. Sua evolução tende no sentido de uma cidadezinha rural, talvez de um Instituto de Organização rural, em que escolas, granjas, empresas agrícolas, oficinas e fábricas de indústrias rurais, casa de repouso, posto de puericultura e saúde, cooperativa, clube recreativo, biblioteca, museu e capela -

edificados paulatinamente com o propósito de melhor servir o homem do campo, visam realmente um ideal : a formação de um sociedade, mais culta, mais próspera, mais harmoniosa e feliz.

Concentrando na mesma fazenda instituições para menores e para adultos, escolas de gráu elementar ao superior, estabelecimentos de ensino geral e especializado, agrícola, profissional e normal, a Fazenda do Rosário com sua rêde ramificada oferecerá no futuro oportunidades pedagógicas para indivíduos de tôdas as idades e de tôdas condições. Aproximando os seres da ampla escala de variações humanas, desde o idiota mais primitivo até o indivíduo altamente talentoso e bem dotado, desde a criança perfeita até menores que sofrem de graves distúrbios psico-motores ou de perturbações mentais - formam todos êles um conjunto articulado, de relações amistosas, prestando serviços mútuos como num lar, numa vasta " família ", irmanados e distinguindo-se dos forasteiros por um, sui generis, " que ", imponderável e inefável, e que se costuma apelar de " rosariano ".

Longe do pensamento dos fundadores da Fazenda do Rosário qualquer idéia de criar um grupo segregado, entre muros fechados de uma " tórre de marfim ". Bem ao contrário, com os portões da Fazenda abertos a tôdas as pessoas de boa vontade, acolhe a Fazenda do Rosário, na medida de suas possibilidades, todos os que dela necessitam e também todos aqueles que possam auxiliá-la em desenvolver o infinito potencial de obras, úteis à sociedade, e de idéias, dignas de uma humanidade civilizada.

---

Fazenda do Rosário - 1952.

A FAZENDA DO ROSÁRIO ATRAVÉS DOS REGISTROS

Do Diário de D. Córa, primeira educadora da Granja que ali foi passar um mês de férias de verão, dando assistência aos ex-alunos do Instituto Pestalozzi :

" ... A vida dêste sítio deve ter os seus mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos. Uma boa parte dos mistérios dolorosos já foi experimentada na expectativa da " Granja ", que hoje, graças a Deus, já é uma realidade. No dia 30 de dezembro de 1939, foi assinada a transmissão e posse desta terra, hoje propriedade da Sociedade Pestalozzi. No dia 2 de janeiro de 1940, para aqui vieram, de caminhão, duas professôras, Iolanda e Córa e cinco dos nossos meninos do Abrigo de Menores : Laerte, Geraldo Jesús, Jesús Geraldo (Miudinho), Francisco Vieira e Jovino, acompanhados do Sr. João Costa. Vieram também os primeiros móveis. A casa estava completamente vazia e triste, sem a respiração de uma creatura humana. Apenas um galo índio vagava, triste também, solitário, na dedicação à casa que lhe serviu de primeiro abrigo. Um dos meninos, o Laerte, foi destacado para lidar na cozinha, mas o Sr. João Costa fêz questão de acender o primeiro lume da casa. Entregou ao Laerte o fogão aceso e a água a ferver. Daí a pouco bebiamos todos o primeiro cafezinho do Rosário. A casinha é pequena e velha. Em um dos quartos armaram-se as cinco camas para os meninos, ficando logo de bom aspecto, tudo clarinho, com as colchas e fronhas brancas. As duas professôras alojaram-se no quartinho da saleta. Na saletinha sem solenidades - porque Nosso Senhor não faz cerimônias para entrar, quando sabe que a casa é sua - ficou um crucifixo para nos acompanhar nos gozos, dores e glórias. D. Helena deve ter voltado satisfeita e tranquila com a satisfação e tranquilidade em que nos encontrou.

... Começamos, por nossa " alta recreação " um movimento de limpeza no sítio. O caminho para o córrego estava intransitável ; já agora se pode

passar, sem pisar as ervas. A bica, Iolanda conser-  
tou e a Dona Nina, que veio neste dia, retocou. A  
frente da casa apresenta melhor aspecto, com as ba-  
naneiras limpinhas.

... Os vizinhos têm se mostrado gentís. Já vie-  
ram aqui oferecer-nos os préstimos e conselhos da  
experiência.

Da primeira carta, escrita no dia 3 de janeiro :  
pedimos transmitir à D. Helena estes recados : pri-  
meiramente que ela pode estar tranquila, que estamos  
almoçando; jantando e dormindo muito bem. Até o ba-  
nho que parecia um problema, correu admiravelmente...

Não sabemos o que está por vir no caminhão que  
deve chegar hoje. Mas queríamos que D. Helena man-  
dasse uns chapéus de palha, para os meninos, duas  
latas de banha, vazias, para aquecer água, uma ba-  
ciazinha de lavar pratos e um pouco de flit ou creol-  
lina, que as môscas estão nos estranhando.

Desculpe ir o bilhete à lápis. Se viesse a caneta-  
tinteiro de Iolanda, os bilhetes passariam à tinta.  
Está fazendo falta também um caldeirão para cozinhar  
o feijão.

Nota : - Esta carta não seguiu porque chegaram  
D. Helena, D. Nina, Daniel e Ivone. O Camilo também  
veio. D. Nina, com seu espírito previdente trouxe-nos  
as latas, o caldeirão e mais uma porção de coisas.

Dia 10 de janeiro de 1940. Tivemos esta noite uma  
chuva torrencial que nos perturbou o sono. Pensamos  
muito nos bezerrinhos, expostos a tanta água. Hoje  
cedo o Sr. João determinou o arranjo de um abrigo  
para os bezerras, mudando-se o chiqueiro para o cur-  
ralzinho. Os pedreiros estão também aqui, começando  
o aumento da casa. Ontem veio o carpinteiro, que tra-  
balhou na despensa, arranjando uma prateleira para  
acomodar o feijão, arroz, etc..

... Os meninos receberam ontem a " distribuição  
de serviço " que está à parede da cozinha para lhes  
lembrar os deveres. Cada qual ficou encarregado de  
um trabalho, e ontem deram conta satisfatòriamente  
das obrigações. Felizmente até agora estão muito  
bonzinhos os meninos.

Estamos fazendo à noite antes de rezar o terço,  
uma pequena leitura para êles : uma história. Não é

possível deixar os nossos meninos sem uma palavrinha de conselho, de incitamento para o bem, de coragem para o trabalho, de devotamento ao dever.

Lemos também uma página no " Guia prático do pequeno lavrador ". Geraldo, Miudinho e Jovino são um pouco entendidos no assunto.

Dia 12 de janeiro - As obras da casa já estão bem adiantadas. O construtor é um senhor simpático e os meninos o apelidaram de " Senhora Dona ", porque é assim que êle se dirige às professôras.

Experimentei ontem à noite um questionário com os meninos, aproveitando a oportunidade de ter o Sr. Manoel encontrado uma nota de 500\$000.

" O Sr. Manoel, vaqueiro, achou hoje uma nota de 500\$000. Mas a nota era só de anúncio. Se o dinheiro fôsse verdadeiro e se fôsse você quem o encontrasse, que faria dêle ? "

Camilo respondeu que ajudaria D. Helena a pagar a planta da Fazenda e Francisco Vieira " que compraria uma vaquinha para a Granja " - Teriam sido sinceros ?

... Arranjamos aqui uma turmazinha de crianças da vizinhança para aulas. Vieram 12, ontem, e, hoje, apareceu um novato. Estão aprendendo uns cânticos para a missa do dia 28 : " O meu coração " e " Dai-nos a bênção ".

Enquanto nós trabalhamos neste terreno o Sr. João vai procurando aumentar o patrimônio da Fazenda, comprando gado, iniciando benfeitorias, etc..

Penso que é assim mesmo que se estabelece em um sítio ; cuidando moral e materialmente do novo meio em que se veio estabelecer.

Parece que a vizinhança está sonhando com uma escola por aqui ...

D. Maria quer saber quando começa a matrícula.

Continuam atenciosos os vizinhos. As meninas do catecismo trouxeram flôres, uma vizinha nos mandou ovos, outra, uma réstea de alho ...

O Sr. Domingos (o dono antigo da Fazenda) é que não tem aparecido. Está em Belo Horizonte, negociando uma casa, levando a família para a Capital.

14 de janeiro - D. Nina, com a sua grande habilidade, fêz hoje ao pé da amoreira, à porta da cozinha,

um lindo caramanchão para descanso, nas horas vagas. Para êste trabalho empregou todos os meninos e o Sr. Manoel, o vaqueiro, removendo pedras, fazendo aterros e limpando a amoreira, coberta de parasitas. Com êste trabalho estão dando outro aspecto ao pátio do fundo, que vai se tornando arejado e pitoresco.

Pela manhã esteve aqui um preto velho, Sr. Malaquias que veio em nome da Associação do Rosário, de Ibitité, visitar a " dona " da Fazenda e comunicar-lhe que a " Guarda do Rosário " está pronta para tomar parte nas festas do dia 28 de janeiro. Disse-me que êle soube da vida da Imagem para a Fazenda " e veio, então, avisar-nos que tôda a Guarda se reunirá para trazê-la em procissão. " Expliquei-lhe, então, que no dia 28 haverá apenas uma Missa, a primeira Missa na Fazenda e quanto à vinda da Imagem, só depois de feita a capelinha. Êle ficou muito satisfeito e ao se despedir pediu para dar parabens à " dona " e dizer-lhe que contasse com a " Guarda para auxiliar na construção da Capelinha.

... 18 de março ... Os meninos estão satisfeitos e já vão tomando muito interêsse pelas coisas da Fazenda. Quando se referem a qualquer cousa da mesma, dizem : " nosso mato ", " nossas vacas ", etc., com muito carinho. O Sr. João está fabricando queijos. Bem cedo êle distribuiu os meninos pelos diversos trabalhos de capina, consêrto de cêrcas, de porteiras, etc. ; mandou um caixote de bananas para Ibitité (primeira renda da Fazenda), que foi vendida a nosso fornecedor de víveres por 53\$000, escreve D. Iolanda Barbosa.

" 19 de janeiro - Que magnífica impressão tive ao chegar nesta casinha modesta, com sua mobília muito simples, muito limpa, onde tudo é paz, tudo é trabalho, tudo é alegria ... Depois de muito sonhar com a Granja, esta almejada Granja que pela vontade da Virgem Santa se transformou na Fazenda do Rosário - eis que ela surge entre os coqueirais e o murmúrio das águas de uma cachoeira, que embalam as grandes idéias, transformando-as em realidade.

Ontem, às 5 horas e meia da manhã já se ouvia a vozeria alegre dos meninos, que já são 7, tomando leite no curral. Fiz côro com êles e assim iniciamos os afazeres do dia, na maior harmonia e disposição.

A noite, uma chuvinha cáí, refrescando bem o calor.

Os meninos não podendo se espalhar pelo terreiro para as costumeiras palestras, agruparam-se na cozinha e formaram um bonito côro, regido pelo Francisco Vieira. Este anunciava os números. Cantavam músicas carnavalescas, sambas, modinhas e hinos, na maior alegria. Todos os números cantados foram aplaudidos por nós professoras e pelas mocinhas do Sr. Domingos que aqui estiveram em visita " - escreve a professora Cristina Dias.

" 20/1/40. Pela tecerira vez venho à Fazenda do Rosário, e desta maneira acompanho a sua evolução. Em tudo se descobre, e é importante assinalar - a constância de uma direção, mas também a dedicação espontânea dos pestalozzianos. "

Um dia na Fazenda é sempre aproveitado : são frutos que se colhem, caramanchões construídos, demarcação de pomar, exame de árvores frutíferas e ... as horas correm. Cada colaborador escreve, pois, o diário, ajudando no trabalho, " - escreve Dr. Aureliano Tavares Bastos, secretário e médico da Sociedade Pestalozzi.

21/1/40. " Estiveram aqui ontem D. Helena, Dr. Aureliano e Daniel Antipoff. Daniel pernitoou na Fazenda, tendo hoje começado o trabalho da marcação do pomar, para plantio das laranjeiras. Ele que é também enérgico e de grande capacidade de trabalho, sabe estimular os meninos e incitá-los ao trabalho com cordialidade e animação. "

22/1/40 - Como amanheceu chovendo muito, os pedreiros e o carpinteiro não vieram trabalhar ; o vaqueiro só apareceu aqui ao meio dia, de modo que fiquei só com os meninos, os quais, não podendo fazer o trabalho de consêrto de estrada e capina, ficaram lendo, escrevendo ... " (escreve D. Iolanda).

25/1/40 - Aqui cada um escreve o que sentir, observar e projetar para melhorar a vida neste sítio. No momento, a Fazenda está em plena efervescência, preparando-se para receber a primeira visita coletiva dos sócios e amigos da " Pestalozzi ".

Os meninos estão melhorando no aspécto físico, nos músculos, nos olhares e nos sorrisos.

O povo da vizinhança está compreendendo que na Fazenda do Rosário as coisas se fazem e se farão, em vista dos progressos contínuos dêste mesmo povo de

Minas.

27/1/40 - E' amanhã a nossa festinha que a chuva está querendo atrapalhar. Estamos esperando muitas pessoas de Belo Horizonte e daqui do lugar, mas ... com chuva ninguém virá certamente. Entretanto, Deus sabe o que faz. Nós queremos o sol, para o êxito da festa ; a terra precisa de chuva para rendimento da produção.

Hoje cedo mandamos um convite ao povo de Ibirité para as solenidades de amanhã. Convite : " A Sociedade Pestalozzi tem o prazer de convidar o povo de Ibirité para assistir amanhã, domingo, dia 28, à festa de inauguração da " Fazenda do Rosário ", recentemente adquirida nesta localidade. A festa constará de uma missa, na Capela de Ibirité, e de uma visita à Fazenda, à uma hora da tarde. Esperando o comparecimento do povo, A Sociedade Pestalozzi agradece antecipadamente. " Mas a chuva continúa a cair.

28/1/40. Está aqui muita gente que para a Fazenda veio depois da missa celebrada na Capela de Ibirité. Contamos no livro 98 assinaturas, e vieram muitos outros, que não assinaram ; num dia cheio de luz e de sol.

29/1/40 - A festinha de ontem deu assunto para as nossas palestras de hoje, inclusive uma " boa conversa " com os meninos, conversa que assumiu um caráter solene, porque o assunto era grave e prometido desde a véspera. Se os meninos estão aqui, sob a guarda da Fazenda, é preciso que lhes continuemos a dar assistência moral. Eles ainda não compreendem direito os deveres, de atenção, de gratidão, de polidez, e de interêsse pelo que de perto lhes toca. Tudo lhes foi lembrado, inclusive as faltas, com bastante cordialidade, sem aborrecimentos.

30/1/40 - Pretendemos seguir hoje. Com sinceridade, vou pesarosa de deixar a Fazenda, pois não sei quando voltarei aqui. Tenho bastante egoísmo e presunção para supôr que faço um pouco de falta à Fazenda, se não para o trabalho, pelo menos para os meninos. (Acredito que isto seja um modo reflexivo (?) de ver as coisas, porque eu sinto a falta dêsses meninos, por muito pequena que seja a amizade que êles consagram à gente. (Escreve D. Córa).

No mesmo dia : Dona Nina e eu chegamos à Fazenda. Uma chuva miúda e fria caía continuamente como se o céu do sítio, segungo Ivone, chorasse sentido, a partida dela e de Córa. Embora o dia se mostrasse triste e sombrio descobri raios de alegria e de luz por tôda parte. Sentia minha alma alegre ... Encerrou-se assim o primeiro dia no Sítio daquela que será, se Deus quiser, a professôra da Fazenda - (escreve Dona Ana Bandeira de Melo).

3/2/40 - Sábado. Os trabalhos da semana estão terminando com proveito. A estrada larga e reta, já pode receber qualquer visita e qualquer carga de caminhão, sem atolar no meio do caminho. Dona Nina, o "engenheiro" da Fazenda e embelezadora do sítio, fêz limpar outra estrada, que segue para o alto, onde ficará a Casa de Repouso.

... As 16 horas Dona Helena reuniu o 1º Conselho da Fazenda. Este terá por objetivo dar a boa organização à vida aquí. Visa também a maior harmonia entre todos e mais estreita colaboração de meninos e adultos, professôres, trabalhadores e encarregados dos serviços.

Na reunião ficou combinado que os meninos que já contam mais de 14 anos de idade, receberão uma gratificação pelos trabalhos, a fim de educar neles o lado econômico, e torna consciente o hábito de um bom serviço. O salário foi fixado da seguinte maneira : 1\$000 pelo trabalho comum da semana ; mais 1\$000 pelo trabalho feito com prontidão, atendendo ao primeiro chamado para iniciar o trabalho e sem a necessidade de serem lembrados por outrem as obrigações de cada um ; mais 1\$000 pelo trabalho feito com " bom humor"; mais 1\$000 pela boa produção do trabalho que "rende", enfim, mais 1\$000 por uma iniciativa útil, pela "invenção" de algum processo interessante e original que apareça como estímulo a um trabalho melhor.

Adotado êste critério de pagamento, Francisco Vieira recebeu para o mês de janeiro 16\$000. Miudinho, Jovino e Geraldo Jesus - 14\$000 cada um ; José Camilo, 9\$600 e Laerte 8\$800. Geraldo que está na Fazenda há apenas duas semanas, recebeu 6\$000. Ficou também combinado que a metade seria guardada na Caixa Econômica, recebendo apenas a outra metade para suas despesas.

Apesar desta determinação Miudinho e Jovino deixaram para a Caixa a maior parte - 10\$000, ficando somente com 4\$000. Bom sinal.

As quantias foram estabelecidas na base do julgamento dos próprios meninos, com a nossa aprovação.

A noite, a meninada foi a Ibirité, ver o Carnaval.

8/2/49 - Como os demais dias vividos na Fazenda, o dia 8 foi cheio de afazeres : fabricação de goiabada e requeijões para o consumo e para a venda ; acabamento da cobertura da varanda, que será a Escola da Fazenda e dos dois quartos que vieram aumentar um bocado bem bom a nossa casinha.

Estivemos contentes com estes progressos, mas contrariados com os meninos, que estiveram, quase todos, levados e com uma pontinha de preguiça. Repreendi-os pela primeira vez, depois que me encontro aqui.

Reunimo-nos à noite, na sala da frente e estivemos conversando, já no meio de franca alegria, sobre as " Propriedades rurais ", boas e más terras, situações, culturas, água, etc..

12/2/40 - Uma vida nova surgiu na " nossa casinha " - a nossa vida escolar. Alegremente, abriram-se hoje as aulas e a nossa " escola " surgiu como uma pequenina estrêla que quer crescer e espalhar forte clarão de luz. Compõe-se de nossos 8 meninos e mais dois, de Ibirité.

A noite fizemos música. Uma reunião alegre, divertida, cheia das histórias do " João Pergunta ". Rezamos e fomos dormir, pensando que a nossa " escolinha " deve ter um nome. Qual será ?

21/2/40 - A Escola funciona com 16 alunos. Falta o quadro negro e cadeiras para acomodar a todos.

29/2/40 - Dr. Aureliano Tavares Bastos examinou hoje meus alunos, inaugurando assim a " Assistência médica " da Escola rural Dom Silvério. Todos os sábados teremos a visita do médico e a criançada poderá melhorar seu estado de saúde.

2/3/40 - A jardineira chegou trazendo a esperada visita do professor Henrique Marques Lisboa. Deu o ilustre professor da Faculdade de Medicina, e ex-discípulo de Osvaldo Cruz, de Manguinhos, uma interessantíssima aula para nossos meninos. Versou

sôbre a Opilação. Num estudo comparativo com as borboletas, apresentou a vida nociva dos vermes e meios de defesa contra a verminose. Prometeu voltar ... trazer um microscópio, ensinar-nos a fazer exame de fézes, etc.. Em resumo, será um benefício enorme para nossos meninos : terão assim um guia nos cuidados para com a saúde que, infelizmente, falta a muito deles.

17/3/40 - Notamos para nossa experiência da vida a seguinte regra : " E' preciso errar para se aprender direitinho " - Muitas coisas não saem bem da primeira vez, senão vejamos : a primeira goiabada que saiu do tacho para ser vendida foi uma puxa-puxa" que nem os dentes do nosso cachorro aguentaram ; 2º - a primeira remessa de leite para Belo-Horizonte foi feita de maneira bem singular por Antônio Carlos, aluno e " leiteiro " do nosso posto, que despachou a lata com 20 litros, sem indicar o nome do destinatário, nem do remetente. Botou-a no vagão, dizendo apenas, à guiza de despedida : " E' para Belo-Horizonte ". Deu o que fazer esta lata ; somente dois dias depois, com leite coalhado, foi encontrada nos armazens da E.F.C.B. de Belo-Horizonte ; 3º - as laranjeiras plantadas, foram tôdas novamente replantadas, porquanto eram colocadas dois palmos abaixo do nível dos terraços.

Custa-se a chegar no lugar mas aprende-se melhor tôda a vez que se erra.

25/3/40 - Dona Helena faz anos hoje. Recebeu valiosos presentes para a Fazenda do Rosário : um casal de porcos " Duroc " dos professôres e alunos do Instituto Pestalozzi ; dois casais de galinhas Rhodes e Leghorne, da família Paladini Cardoso. Enviamos-lhe da Fazenda do Rosário, uma ramalhete de cancos de arroz, o primeiro colhido na baixada da Fazenda. Seja símbolo de amizade, de reconhecimentos e promessa de trabalho produtivo.

23/4/40 - Chegou à tarde a nova professôra Dona Lúcia Leite. Tomará conta da 2ª e 3ª séries. Desejamos que a professôra goste dos alunos e da Granja. D. Nina, infatigável, como sempre, está no engenho o dia todo. Fizeram hoje 136 rapaduras, grandes, bem batidas, claras e gostosas. D. Nina continúa sendo a alma desta Fazenda.

9/5/40 - Os trabalhos prosseguem. O bananal novo está sendo capinado, mas a capina foi interrompida por trabalhos mais urgentes. O Vovô, o pedreiro, está meio adoentado, assim mesmo continuá os "remendos" da casa de Domingão. Dois homens ajustados por êle arrebetam pedras no caminho da Cachoeira, preparando os alicerces para a "Casa de Repouso".

As aulas funcionam regularmente na Escola. À noite há reza na Capela de Ibirité. Os meninos vão rezando um bocadinho, elevando seu hino de louvor à Virgem Maria, assistem às coroações e voltam depois dêste passeio, prontos para a labuta quotidiana. (Ana Bandeira de Melo).

10/6/40 - Gostei muito da visita à Fazenda do Rosário. A Escola Dom Silvério, que funciona na sede da Fazenda, deixou-me boa impressão. O auditório em comemoração à descoberta do Brasil, foi um atestado do interêsse das crianças pelo assunto e da capacidade das professôras. Fiquei, sobretudo, bem impressionado com a orientação dada à Escola, onde se pode verificar o objetivo de se prender o homem à terra, pela revelação dos seus encantos e de suas ineguláveis riquezas. Creio que essa orientação generalizada a tôdas as Escolas rurais, seria obra de grande significação patriótica. A Escola Dom Silvério é por isso mesmo um bom exemplo e ainda mais porque ela representa o fruto da iniciativa particular, coisa tão pouco desenvolvida entre nós, quando se trata de uma realização desta natureza. (Eliseu Laborne e Vale)

21/9/40 - Dia da Árvore. Na Granja não se podia deixar de comemorar esta data. Todos já sabem bem o valor e utilidade da Árvore. A cerimônia foi encantadora. Todos reunidos no local escolhido para o plantio, habitantes, visitas e técnicos em silvicultura. Plantou-se uma mangueira, seguindo-se uma aula prática dada pelo Dr. Ovídio de Rezende Alvim, do Ministério da Agricultura.

Neste mesmo dia, alguns membros da Sociedade foram estudar as possibilidades de uma nova Chácara, indo no local indicado (A Chacrinha).

Os que partiram de volta para Belo-Horizonte, como sempre, compraram e levaram grande carregamento de

verduras, doces, deliciosa massa de tomate que mais uma vez provam o esforço e trabalho de Dona Nina e de todos os habitantes da Granja. São produtos que se transformam em novos melhoramentos.

Terminamos o dia, à luz do lampião de querosene, em volta da grande mesa, o que me fez lembrar os serões antigos de nossas famílias mineiras.

Antes de nos despedirmos, dei ao Francisco Abreu (um dos alunos-pedreiros), a quem dedicára os versos, uma ligeira explicação dos mesmos :

" Menino, intrépido trabalhador  
Que por mim passas, cantarolando.  
Distraído na faina do teu labor  
Não vês que o tempo está passando.

O carro que levas com tanto ardor,  
Sob o peso da carga, ri e canta.  
Pois não vês ? Em gema de real valor  
Transformou-se o barro por encanto.

Este que tu amassas bravamente  
Tem água, tem seiva, tem bom calor.  
A seiva que dá vida permanente  
Cáí do teu rosto em gotas de suor.

Por essa vida a fora, sem cessar  
Levarás sempre barro, pedra e cal  
Faça a tua casa em base sólida  
Construa-a lindamente sem igual.

És filho de Deus, filho de grãReis  
Trazes em tua alma estigma sem par.  
Não faças de tua vida, choça de sapés  
Antes palácio, no Céu a te esperar."

Muitas vezes julgamos os nossos trabalhos sem valor, o nosso tempo perdido, se não o empregamos em grandes coisas. Para Deus vale o espírito que nos anima e todo o nosso trabalho, seja amassar o barro, tem para Ele real valor.

22/9/40 - A chuva correu torrencialmente, transformando a natureza, alimentando a terra para o próximo plantio das sementes, que no dia 23 já foi

começado com a preparação dos canteiros.

Iniciou-se o alinhamento do novo laranjal, além da cerca para evitar a entrada dos animais. A palhada foi batida para a plantação da mandioca.

Mais massa de tomates. Despachados para Belo-Horizonte - 30 quilos de tomates e verduras (repolho, gilós, alface, etc.).

Chegou a manivela da vitrola. Noite de chuva - noite de música. (Do diário da Tira Monteiro de Castro).

2/10/40 - Ontem tivemos uma notícia desagradável : os nossos meninos que dormem na casa de Domingão, estão se portando muito mal à noite, quando o Sr. Raimundo e Hermelindo estão acomodados. Fazem certas coisas inconvenientes e que devem desaparecer da Fazenda. Ficamos muito preocupadas e pensamos nos meios de melhorar a situação. Decidimos falar com eles com muito jeito e ainda fazer algumas mudanças de quarto. Além disso, foram pregados em seus quartos cartazes com frases significativas e previamente explicadas que os ajudará a melhorar. Esperamos que com tudo isso e ainda um exame de consciência que fazem à noite, muito em breve se corrijam dêsse defeito tão feio. Esqueci-me de dizer que durante a estadia das professoras aqui na Fazenda, que muito se interessaram pelos meninos, ficou resolvido pôr em prática uma idéia, lançada pela D. Tita, - a escolha de uma madrinha para cada um dos nossos meninos órfãos. Esta madrinha vai se interessar de um modo particular pelo seu afilhado, auxiliando-o na sua educação. O afilhado se compromete a escrever, de vez em quando, dando-lhe notícias de seus progressos. Vamos vêr se isso dará resultado.

3/10/40 - Constitui agora divertimento predileto dos nossos meninos o treino diário do " time " Fazenda do Rosário. O entusiasmo cresce dia a dia e parece que já estão se tornando uns verdadeiros " ases " no futebol mineiro. Alguns, com o Sr. Baroni, horteleiro, estão pescando nas horas livres, nos Tabuões. Dará para salgar peixe ? (Do diário de Lúcia Leite).

5/10/40 - O trabalho da moagem de cana continúa e a colheita de batatinha orçou em 15 sacos de 4 arrobas cada um.

Como a Dona Helena ficou, à noite houve reunião com os meninos, a fim de se discutirem vários pontos. O primeiro ponto visado foi a rebeldia de Durvalino. Hoje, ainda, êle se mostrou muito excitado, atirando pedras e sacando faca contra os companheiros. O caso do Durvalino continúa em estudo. O nosso Cristiano também esteve impossível êsses últimos dias, ficando quase resolvida a sua transferência para uma casa de saúde.

Passou-se em seguida a falar sôbre a confecção da planta da Capela, ficando cada aluna convidada a fazer o seu projeto, que será estudado por um arquiteto, amigo da Sociedade Pestalozzi.

6/10/40 - Entre lágrimas do Cristiano e a boa vontade de todos ficou resolvido o esforço moral dos meninos maiores para auxiliar e melhorar a conduta do nosso amigo. Quanto ao Durvalino, que geralmente se mostra orgulhoso, se convenceu, pela primeira vez, que estava errado, tendo declarado em voz alta que estava arrependido de suas rebeldias e prometeu, doravante, fazer o devido esforço, para abrandar o gênio.

7/10/40 - Foi arado um bom terreno, trabalho produtivo e que rendeu bastante. Tivemos o auxílio de uma junta de bois, que nos foi gentilmente cedida pelo Sr. Juscelino Rodrigues, fazendeiro vizinho e delegado de Ibirité, a quem os rosarianos muito agradecem.

12/10/40 - Na reunião de hoje, com Dona Helena, os meninos trouxeram os pedidos projetos para a construção da Capela. Vieira mostrou-se artista, desenha muito bem e com verdadeira arte. Abreu e Laerte também revelaram bastante senso artístico, principalmente o último, no colorido fresco e original.

Foi discutida a introdução da ficha dos trabalhos para cada menino, ficha individual e do grupo, a que pertencem, para estudos e trabalhos, a fim de melhor controlar a distribuição dos encargos e esforços. Foi tratado, ainda, um assunto de grande interesse para nossos meninos : a organização de um Clube esportivo. Dona Helena prometeu descobrir e mandar para a Fazenda um pessã entendida, um técnico em educação física, para orientar a organização do desejado Clube. Discu-

tiu-se, ainda, a fundação de uma "charanga", tendo cada um dos meninos opinado por um ou outro instrumento de música que desejava estudar. Foi sugerido, ainda, que se armasse, na varanda, um quadro em madeira, para neles serem afixadas as notícias importantes, algumas "boas idéias" dos meninos e algumas sugestões para melhorar a vida na Fazenda. Assim, encerrou-se a reunião do Dia da Criança, sobre a qual tivemos algumas palavras bonitas de Dona Helena.

19/10/40 -- Foi um dia cheio e movimentado. Dia de pagamentos e de grande agitação. Chegou na jardineira o Dr. Olavo, médico da Fazenda, que examinou os meninos e fêz tratamento em alguns trabalhadores.

O plantio do feijão foi dos melhores, atinge a 30 litros e foi terminado hoje, bem como o plantio do milho e da mandioca. Tôda olhadura da cana da moagem (e que estava no viveiro) foi transplantada hoje. Aguardamos nova moagem para completar o novo canavial, no lado esquerdo do córrego Pantana.

A fabricação de doces também foi grande, pois, Antônio Carlos e Pedrinho, gabaram-se de ter conseguido 22 quilos de bananada, orientados porém, por Dona Nina, que sempre está à frente de tudo.

Vieram também os técnicos do Ministério da Agricultura, trazendo a máquina para matar formigas, sendo iniciado êsse trabalho no novo laranjal.

20/10/40 -- Foi grande o movimento hoje, até às 9 horas, pois, devia ser feito o lançamento da pedra fundamental da Capelinha. A solenidade não se realizou, porém, pois, chegou Dona Iolanda avisando que não se conseguiu ainda a licença da Cúria Metropolitana. O Sr. Arcebispo alegou ser do direito canônico a proibição de erigir capelas em terrenos que não sejam doados ao Arcebispado. A dificuldade torna-se maior, porque enquanto não pagarmos os nossos impostos, não poderemos fazer nenhuma espécie de transação de terrenos, nem mesmo para doação, como no caso presente.

2/11/40 - Dia de Finados, geralmente chuvoso, amanheceu com o sol radiante. Como na véspera, dia Santo, todos os trabalhos foram interrompidos, na construção e na lavoura, hoje, a urgência dos mesmos, fêz com que, chegando às 7 horas de jardineira, encontrasse todos no seu posto, trabalhando.

Na ausência do " Vovô ", o pedreiro, seu filho Floriano está na direção da Casa de Repouso em construção. Saberá mesmo desempenhar a tarefa? Mas, por que então, Geraldo Lopes estará na lavoura, êle que é tão bom no serviço de pedreiro? Não combinou com Floriano? Na " reunião ", trataremos do caso do " abano espontâneo " do serviço. Mas de quem é a culpa, do menino ou do mestre?

No batatal, grande movimento. A colheita da " batata de três meses " já devia ter sido feita, segundo a opinião de D. Nina. Os técnicos, entretanto, opinaram que a deixassem por mais tempo. A experiência mostrou agora que os " empíricos " tinham razão, enquanto os " técnicos " mais uma vez perderam: constatou-se que muita batata ficou prejudicada pela demora: umas, com broca, outras, já apodrecidas, outras, francamente passadas, com casca grossa e só aproveitáveis para semente.

E' preciso que a teoria e a prática se unam numa cooperação harmoniosa, para dar resultados mais eficientes. Este ano ainda temos de tatear à custa de alguns sacrifícios, que não são poucos para uma sociedade modesta como a nossa.

Como as nuvens começavam a se juntar do lado do Sumidouro, apressamos o trabalho no batatal. Longas filas de meninos carregando, cada um na medida de suas fôrças e de seu orgulho (queriam, certamente, trazer mais para mostrar a sua fôrça). Milhares de batatas estão espalhadas no chão, a secar, em frente à casa de Domingão.

Ouviu-se o trovão e os esforços redobram. Quando às 3,40 o pessoal da construção largou o serviço do sábado, D. Nina e eu pedimos a todos os pedreiros para nos ajudarem a " salvar " a

batatinha espalhada; pois o céu tornava-se cada vez mais negro e ameaçador.

Mal acabamos de ensacar 9 sacos de batatinha inglesa, cerca de 4 horas da tarde desabou o temporal, que ficará na memória de todos. Após um vento, cuja violência nada deixava no lugar, caiu uma chuva de pedra. De início, ouvimos apenas um ligeiro tamborilhar nas telhas. Em poucos instantes, o barulho aumentou de tal modo, que não se ouvia mais nada. Neste barulho ensurdecedor ressoava apenas a voz máscula de D. Ana, a nova cozinheira, que tomada de medo, entoava cânticos religiosos à Santa Bárbara, na escuridão, pois, as portas e janelas estavam completamente fechadas.

Abrigando nos seus poucos cômodos a quase totalidade dos moradores, agregados e trabalhadores da Fazenda do Rosário, a coitada da velha moradia de Domingão, não era propriamente dito um abrigo, pois, a água entrava por todos os lados, molhando tudo : gente, camas, fogão e comida.

Quando, uma hora depois, aproximadamente, fomos possível entreabrir a porta, que espetáculo exótico ! ... A terra, coberta de granizo, lembrava à D. Nina e a mim, a nossa terra, coberta de neve, em pleno inverno setentrional. Tudo branco... só os coqueiros de tronco escuro e as laranjinhas verdes destoavam no meio desse tapete siberiano, que naquele momento atingia uns 10 a 15 cms de espessura.

Uma hora de chuva de pedra e de vento violentíssimo, transformou a Fazenda, tornando a sua paisagem irreconhecível. Na horta, também toda branca, nenhuma planta em pé : tudo quebrado ; os mamoeiros inteiramente desfolhados, levantando seus troncos nus ; por baixo das velhas e copadas mangueiras - montes de folhas caídas e mangas verdes abatidas quase todas. As bananeiras, pareciam, as maiores vítimas : quebradas, com a folhagem gelada, esmiuçada, como se um pente tivesse passado doidamente por ela ; os cafeeiros inteiramente sem folhas.

A nossa bela e fértil baixada desapareceu

tôda debaixo de uma enxurrada vermelha, mergulhando o canavial pela metade. Perto da rodoviária, o Córrego dos Tabuões formava com o do Sarzedo um só braço, feio e largo, carregando numa correnteza louca os destroços da tempestade.

De repente um nevoeiro branco começou a subir das baixadas, invadindo o ar de um freio intenso. O povo começou a tiritar, como numa febre. Vi que o Senoc, o pedreiro preto e forte, parecia tremer mais que os outros, por ser êle talvez de uma raça que não conhece o frio.

Os bezerros no curral mugiam, como crianças doentes, estranhando a mudança de temperatura.

E os nossos meninos ? Sempre os mesmos. Tudo para êles é motivo de brinquedo e de alegria. Tôda novidade desperta a curiosidade de ver as coisas de perto, de experimentá-las de todo jeito. Brincavam com as pedras de granizo, como se fossem bolinhas de gude, menores que o ovo de galinha, porém, maiores que do pombo, certamente. Brincavam com elas, engulindo pedaços de gêlo, comendo-os francamente. Uns, a conselho da velha D. Ana, enchiam de gêlo frascos de vidro, guardando-os bem tampados, como remédios contra " dor de barriga ". Miudinho parecia um boticário.

A tempestade deu o que fazer depois. Jogou uma porção de telhas do quarto do médico, quebrou-as, inundando os aparelhos ali guardados. As paredes externas pareciam ter sofrido um verdadeiro bombardeio. Na cozinha, tudo inundado ; as camas, nos quartos, ensopadíssimas.

Quando o dia foi-se embora, o céu apareceu, sempre o mesmo céu brasileiro, plácido, cheio de estrelas claras. A prova foi dura, mas tudo passou, felizmente, ficando apenas os efeitos : perdas inestimáveis na horta, lavoura e pomar. (Do Diário assinado pela professôra Helena Antipoff)

No dia seguinte e durante muitos dias seguidos a Fazenda apresentava um espetáculo deveras desanimador : onde tudo era verde e viçoso, cheio de vida, agora estava tudo ressequido, quebrado, amarelo, sujo, morto ! Não fossem os rosarianos, gente forte e corajosa e teria o desânimo invadido

seus corações, paralisando suas energias, pois, tudo, absolutamente tudo, tinha que ser começado de novo.

2/1/41 - Faz hoje precisamente um ano que começou a vida na Fazenda do Rosário, Por muito grandes e sinceras que fossem nossas esperanças há um ano passado, não podíamos esperar este progresso que hoje se observa nesta Fazenda. As suas casinhas existentes então, estão hoje retocadas, aumentadas, perfeitamente habitáveis, havendo já recebido um grande número de hóspedes. Todos que aqui aportam voltam verdadeiros amigos dos meninos, encantados com o tratamento que recebem de D. Nina, e sinceros propagandistas desta " estação de repouso ".

A Casa de Repouso já está quase pronta, mas, antes de sua inauguração, que aguardamos em breve, já muitos amigos do " repouso " foram acolhidos na Fazenda.

As plantações vicejam pelas cercanias - cada uma a seu tempo, ou firmes e impassíveis à passagem do tempo - como os coqueiros que têm aliada à sua magestade natural, a utilidade prática de seus frutos.

A cachoeira continuava a cair pela grande escada, enchendo o ar com a música suave de uma " queda ". Um médico ilustre batizou-a de " duchas maravilhosas ".

Encimando tudo, o cruzeiro, para abençoar a vida e o trabalho da Fazenda. Aliás, o progresso que dia a dia aqui se observa, está registrado nestes cadernos, no Diário da Fazenda. E no dia em que a sonhada Granja completa o seu primeiro aniversário não podíamos deixar de vir partilhar da alegria que aqui se sente. O Dr. Aureliano Tavares Bastos e senhora, Iolanda, Ivone, Vanda, Haidêe, Cristina, eu e Córa, aqui estamos, para festejar a data com D. Helena, D. Nina e os meninos, que a princípio eram 6 e agora são 23.

... Os meninos, vestidos de gala, com o uniforme do Natal Esporte Clube, receberam suas lembrancinhas do Natal. E parece que ficaram muito contentes. Outras crianças que aqui vieram receberam tam-

bém modestos presentes, para se lembrarem sempre da amizade que lhes dedica a Fazenda do Rosário.

E as professôras, os amigos da Fazenda, aqui presentes, continuam a pedir a Deus que abençoe este querido lugar para que a vida seja o que deve ser - progresso material, moral e espiritual. (Escreveu D. Côra Faria Duarte)

6/1/41 - O dia começou hoje cedo na Fazenda. À meia noite, fomos acordados por uma música estranha. Levantamos apressados e fomos receber a "Folia dos Reis". Quatro homens mascarados dançavam e cantavam músicas populares, próprias ao dia dos Reis. Houve dança dos "bate-paus", muito interessante e mostrando a grande agilidade dos dançarinos.

D. Nina ofereceu aos visitantes rapadura e algum dinheiro, tudo isso em benefício da igreja de Ibirité. Terminadas as orações ao pé do nosso belo presépio, construído pelo menino, D. Nina e professôras, os visitantes seguiram o caminho a procura de mais donativos.

11/1/41 - Alguns dos nossos meninos estão em franco progresso : trabalhadores, satisfeitos com a vida e a sociedade ... Infelizmente, há outros que deram para trás. O V. depois de cerca de 1 ano de bom comportamento, acha-se decaindo. Por que ? Resmunda, torna-se cínico. Talvez precise de outros ambientes. Embora tenha pesar de deixar sair os nossos rapazes antes do tempo, às vezes julgo ser melhor deixá-los procurar a sua própria vida, sem constrangê-los a permanecer entre nós, por " amizade " ou por " necessidade " apenas.

Assim deixei, embora com grande pesar, repito, o Durvalino. Acabou de entrar para o exército, sentando praça no 10º Regimento. Passou conosco apenas 6 meses. A melhora foi sensível. Civilizou-se bastante. Aproveitou da escola e dos estudos. Passou com boas notas para o 4º ano. Disse-me que sempre fôra o sonho dêle ser militar. Que Deus acompanhe esta criança, pois, apesar dos seus 17 anos é criança ainda.

O Abreu, também, não voltará mais para o Rosário. Aproveitou as férias junto de sua mãe, empre-

gando-se na cidade, não sei bem onde. Queria eu que terminasse ao menos o ciclo inteiro da construção que iniciou, britando pedra ; devia aprender pelo menos o reboco, a fim de ganhar mais no emprêgo. Penso que a estada entre nós, foi-lhe bastante propícia, justamente nesta idade de passagem da adolescência para a vida de "semi-adulto", que no meio pobre começa cedo. (Escreveu D. Helena)

21/1/41 - Tivemos hoje à tarde a visita de Durvalino, ex-aluno daqui, que veio ficar até amanhã. Disse êle que sentiu saudades dos colegas e da Granja. Arranjou dispensa e veio. O Vieira também se foi. Arranjou para trabalhar numa casa de comércio, na Onça, povoado vizinho. A sua estadia aqui foi de um ano e creio ter servido bastante para seu caráter um tanto difícil.

A noite, enquanto os meninos jogavam e se distraiam, D. Nina, D. Maria e Sr. Hermelindo faziam guerra às formigas cabeçudas, aplicando em suas moradias boa dose de formicida.

Depois despedimo-nos do presépio, que foi desarmado hoje.

Dia 25/1/41 - Os meninos continuam crescendo. São quase homens, tendo a maioria 16 a 18 anos. São quase homens feitos e que pouca modificação poderão apresentar. A nossa maior preocupação é a sua adaptação à vida adulta, independente e de responsabilidade. " A coisa mais difícil do mundo, é a escolha da profissão ", dizia o velho Pascal. De fato, é o nosso maior problema. Queremos evitar para êles desilusões e o nefasto " nomadismo " profissional. Já temos alguns que passaram por várias ocupações diferentes, muitos empregos, antes de virem para a Granja. E' o caso de Edison, por exemplo. Constatamos, com pesar que a maioria tem pouca inclinação para a vida do campo, o cultivo da terra, que começaram a conhecer bem tarde. Nem possuem a fôrça muscular necessária para o seu trato. Não convém segurar por aqui. Assim, o Camilo, fará um papel mais bonito numa tipografia que numa horta.

Discutimos com êles, na reunião semanal. Infelizmente, são demasiadamente calados. Não ex-

primem suas opiniões, nem conhecemos suas aspirações íntimas, o que muito dificulta a nossa tarefa de tutores.

4/2/41 - Fomos agradavelmente surpreendidas pela chegada do Dr. Sadi Laborne, que veio instalar a luz elétrica, cedida pelo nosso vizinho, Sr. Alberto. Fomos a casa do Sr. Recenvindo, outro vizinho, procurar madeira de lei para 15 postes, de 5 metros e meio, cada um, pelo menos.

#### " CHACRINHA "

12/1/42 - Mais um capítulo, na História da Fazenda do Rosário : início da vida na " Chacrinha". Uma espécie de ternura maternal enche o coração de todos nós, ao transportar para êste recanto da Fazenda, os primeiros " trens " da " Chacrinha ", os apetrechos de cozinha. Cada um de nós, grande ou pequeno, leva a sua carga. Dona Iolanda, simbolicamente, carrega uma vassoura, sinal de asseio, uma bilha-saúde e uma lanterna, símbolo de incansável procura da verdade. Quanto a mim, coube a concha e uma cassarola, enquanto Maristela carrega uma talha maior que ela mesma.

As " formigas " da Escolinha, o povo miúdo e trabalhador, cada um leva as coisas preciosas ao novo núcleo. Desconfiados, no início, agora já todos querem incorporar-se ao novo núcleo. Quanta esperança não se lia nos olhares dêstes homenzinhos, prontos a trazer cada um, com seu esforço, o melhor de si mesmo. (Do Diário de Iolanda Barbosa)

13/1/42 - Continuamos nosso trabalho de pintura das camas e colheita de feijão da Chacrinha.

A cada momento, vem um menino pedir-me para morar na Chacrinha. Sebastião veio dizer-me muito alegre que viria no lugar de João Batista, que não queria mais vir. Procurei saber do João Batista e a muito custo êle disse que não queria mais vir porque Pedrinho lhe dissera que eu era má e que os meninos iam trabalhar na enxada de manhã à noite. João Batista foi embora e à tarde não veio para o trabalho e mandou dizer-me que preferia ir para " Alfredo Pinto " (reformatório).

14/1/42 - Colhemos, hoje, 6 balaios de feijão e coecemos um canteiro de flores na frente da casa : trabalho feito por Divaldo e Waldemar. João Batista, espontaneamente apareceu e bem cedo, para dizer-me que resolveu ficar na Chacrinha. Trabalhou bem, apanhando feijão.

Valdemar e Divaldo estão muito compenetrados de seus papeis : são os primeiros alunos da Chacrinha. Valdemar, com tendência para líder, dá ordens aos menores dizendo-lhes : vocês têm o que fazer para começarem a nova casa ! Isto num tom enérgico. Trabalha bem, mas, faz de vez em quando, uma travessura : uma pincelada no rosto, dá um empurrão, no " Pata-Choca " e joga-o em cima do barro, dando uma " gostosa " risada quando êle cái com as mãos no barro. Quando chamo sua atenção pelo que fêz, responde-me com sua voz cantante de nortista " não foi por mal, D. Iolanda " ! Laerte veio pintar o novo armário para a rouparia. Trabalhou todo o dia muito satisfeito de poder prestar-nos serviço.

20/1/42 - A tarde, convidei os pequenos para apanharmos coco, no alto do môrro. Alguns se prontificaram logo, outro protestou, dizendo que era dia do santo de seu nome. Tomei-o pela mão, todo choroso e pelo caminho, fui contando alguma coisa da vida de S. Sebastião. Ele gostou muito e se distraiu logo ; mas, chegando ao môrro disse : " Eu hoje não apanho coco, só amanhã ". De fato, acompanhou-nos todo o tempo sem apanhar um coco, apesar de ser bastante guloso.

27/1/42 - Voltei de Belo-Horizonte, onde estive arranjando minhas coisas para vir para aqui. Volto, cheia de esperanças de poder fazer algum bem àqueles que me foram confiados e cheia de coragem e confiança em Deus, que me dará fôrças para vencer.

28/1/42 - Fiz uma distribuição do trabalho e logo, cada qual começou a sua tarefa. Em poucas horas pusemos as coisas de casa mais ou menos em ordem. As dificuldades foram resolvidas ; cada um dava a sua opinião, às vezes absurdas, outras vezes acertadas e assim a casa ficará habitável,

já que contamos com uma grande dóse de boa vontade de todos.

A hora do almoço, tive que trazer para cá o Valter, que não se conformando com sua vinda para a Fazenda, está constantemente em pé de fuga, oferecendo a um e a outro dinheiro, para levá-lo a Belo-Horizonte. Conversei seriamente com êle, dizendo-lhe ser de todo impossível ir agora, e que eu o levarei, em fevereiro, quando fôr. Passou o dia bem distraído, trabalhando um pouquinho. É muito provocador e a todo o momento vem me trazer queixa dêste ou daquele.

1/2/42 - Valter amanheceu excitadíssimo e tomou João Batista para vítima. Este que não estava para aturá-lo, atirou-lhe uma pedrada, ferindo-o na cabeça. Valter chorou amargamente, durante meia hora. Não o deixei ir ao almoço, na Fazenda e fiquei com êle aqui. Consegui acalmá-lo, fazendo-o escrever uma carta à mãe, pedindo que viesse buscá-lo. Ele ditou e eu escrevi. Depois copiou-a muito bem e assim se distraiu. O resto do dia passou mais calmo. À tarde fomos ao Cruzeiro, onde estivemos sentados, mais de meia hora, conversando, cantando, etc.. Ele estava bem mais alegre, contando suas mentiras e suas fantasias de grandeza.

2/2/42 - Logo de manhã veio nossa amiga Zilda, trazendo a " Pitucha ", cachorrinha preta de raça policial. Imediatamente, Valdemar e Divaldo fizeram boa amizade com a Pitucha, acariciando-a, abraçando-a, como se fossem velhos amigos.

Depois do jantar, os maiores foram pescar com Luiz. Pescaram uma traíra e voltaram radiantes com a pescaria. Valter também esteve preocupado com a pescaria e se distraiu um pouco. Não falou mais em ir-se embora.

Recebemos a visita, à noite, de Ana Lúcia e D. Nina, que nos trouxeram laranjas, bananas e abacaxis. Visitaram-nos D. Valda, Antônio Carlos e Onesimo, da Fazenda.

9/2/42 - Fizemos, ontem, um passeio à cavalo, ao Capão de Oliveira, que constituiu verdadeiro sucesso para os meninos. Até João Batista, que andava, muito " emburrado ", ficou alegre e andou

à cavalo, satisfazendo seu grande desejo de montar o " Moleque ". Trouxemos de lá milho verde, que cozido, constituiu excelente merenda. Valter também apreciou muito o passeio e quando voltávamos, eu o trazia na garupa. Viemos conversando e êle me disse : que bôbo eu fui de querer ir embora, aqui é tão bom ! Está bem satisfeito e já modificou bastante, apesar de fazer ainda das suas. Agora a vítima é Paulinho. Paulinho resolveu ficar mais uma semana, mas está hoje muito mal humorado, o que, aliás, acontece sempre no dia em que a mãe viaja. Hoje, passou grande parte do dia ao lado da " Pitucha ".

10/2/42 - Hoje o mau dia foi para o Divaldo, talvez devido a um forte resfriado. À tarde, como eu lhe chamasse a atenção porque foi ao córrego e molhou-se todo, ficou furioso, não quis jantar, emburrou-se. À noite, dei-lhe chá com guaraná. Espero que amanhã melhore o resfriado e " desemburre ".

Alceu e Valter estiveram muito excitados. Alceu, a todo momento, vem trazer-me uma novidade de Valter. A hora do banho brigaram e o Alceu escondeu a saboneteira do Valter, que veio, todo choroso, queixar-me. Procurei acomodá-los, fazendo o Alceu entregar a saboneteira. O jantar correu bem e a música do rádio acalmou um pouco os ânimos.

13/2/42 - Hoje, dia chuvoso, lamacento, irritante. Não foi possível nenhum trabalho fóra de casa e achar trabalho para 14 meninos dentro de casa não é lá muito fácil, principalmente em se tratando de meninos no gênero dos nossos. Os mais adiantados estudam, desenham, lêem com bastante atenção, mas, ao lado deles estão Alceu, excitadíssimo, falando sem parar, Valter, provocador ; Paulinho passou o dia bem alegre ; almoçou bem e jantou melhor ainda, apesar do jantar não estar muito apetitoso.

Enfim, foi-se embora o dia, o primeiro dia de chuva na Chacrinha. Não me deixou saudades, mas,

tenho esperança de que, para o futuro, com um trabalho bem organizado, os meninos se tornarão mais suportáveis.

26/2/42 - Ontem, 3 foram passear em Belo-Horizonte, em visita às suas famílias. Apreciaram muito o passeio e com exceção do Valter, todos voltaram satisfeitos e dispostos a continuarem a luta. Valter, apesar da gritaria e choradeira que aprontou na saída da estação, distraiu-se com a nossa carga clandestina : quatro gatinhos que trouxemos para a Fazenda.

28/2/42 - Foi-se o mês de fevereiro e com êle muito do nosso esforço, da nossa energia e dos nossos bons desejos no trabalho de educação dos alunos desta boa Escola Granja Dom Silvério.

Com um grupinho de alunos bem heterogêneo, mas, muito simpático, o trabalho tem sido feito morosamente, mas bem proveitoso não só no embelezamento da Chacrinha, como no espírito e no coração de cada um, onde já há um vestígio de sua parte educativa e regeneradora.

2/3/42 - Há dois dias é nossa companheira de trabalho, a jovem Dona Clary Tomazzi, normalista, que veio colaborar conosco. Parece que se adaptará bem aos nossos meninos, pois, tem se mostrado satisfeita e caridosa para com êles. E' bastante enérgica e toma parte em todos os trabalhos que êles fazem. Fica várias horas com a turma " levada ", lendo histórias, acompanhando-a no trabalho, sem se mostrar nunca aborrecida. Acha muita graça em suas proezas. Tem bom espírito e praza aos céus que assim continue e seremos felizes aqui na Chacrinha.

11/3/42 - Hoje estive aqui o Sr. Heitor, técnico agrícola, que teceu elogios aos meninos na horta.

Quanto à nossa disciplina interna, ainda temos muito que lutar. Eles não têm bons hábitos de ordem, de asseio, são muito impulsivos. A todo o momento, surgem briguinha e discussões calorosas pelas menores coisas. Valter e Sílvio não se tole-ram e a todo o momento armam uma briga que geralmente, é atijada pelo João Batista ou pelo José

Diniz.

Alceu está bem mais calmo : já não grita tanto à noite, briga menos, e faz com muito interesse o seu trabalho de copeiro mostrando-se bem zeloso. Tem por tudo o que se refere à alimentação um zelo admirável.

Nestes últimos dias tem vindo aqui pela manhã tôda a turminha dos pequenos. Eles ficam durante uma hora; entregues aos cuidados do nosso Maurício, capinando à mão o matinho do galinheiro. Maurício compenetrrou-se do seu papel e dirige e-nérgica e amigavelmente a turminha.

A tarde, nossa sala vai se enchendo ; já é quase insuficiente para o número de alunos, pois, contamos com 19 meninos frequentes.

Os meninos tiveram um dia calmo, apesar da chuva que os prendeu até 8 horas dentro de casa. Brincaram, fizeram cestos, jogaram e estudaram, bem calmos.

5/2"42 - Foi bem tocante a saída de Laerte, que ficou na Fazenda dois anos e um mês. Já está com 18 anos e Dona Córa arranjou-lhe um emprêgo numa fazenda vizinha. Durante o dia todo, arrumou os seus objetos, chorando, não podendo mesmo falar aos companheiros, principalmente ao Ademar de quem era amigo íntimo. Este sentiu tanto que passou todo o dia tristonho, aconselhando, pedindo ao Laerte que fizesse o possível para agradar no novo serviço. Todos nós sentimos e pedimos a Deus por êle, que sempre foi um dos mais delicados alunos. (Do diário de Vanda Andrade)

Enquanto os maiores saem, entram, em bando numeroso, novos alunos já agora de menor idade, pois procura-se recebê-los na flôr da idade, a fim de poder esperar alguma modificação durante a sua estada mais prolongada na Fazenda do Rosário. Também, começam a entrar, meninos retardados, às vezes fortemente prejudicados, já pela hereditariedade, já pelos acidentes sofridos desde tenra idade.

HISTÓRICO RESUMIDO DA FAZENDA DO ROSÁRIO  
1 9 3 9 - 1 9 5 2

1939

5 de outubro

Primeiro contacto com a propriedade, encontrada casualmente, na volta de uma viagem.

30 de dezembro

Escritura e primeira prestação de 80 contos de réis aos proprietários da Fazenda do Pantana e Sumidouro, propriedade essa que passa a ser denominada : Fazenda do Rosário.

1940

2 de janeiro

Primeiros habitantes da Fazenda do Rosário - Seis meninos do Abrigo de Menores de Belo-Horizonte e duas professôras do Instituto Pestalozzi.

20 de fevereiro

Instalação da Escola Rural Dom Silvério para meninos internos e crianças da vizinhança.

julho

Início da construção da " Casa de Repouso ".

agosto

Primeiro número do jornalzinho " O Rosário " (que continúa a sair mensalmente, sob o nome de " Coqueiro ").

outubro

Início do Dispensário médico, que funciona semanalmente aos sábados, para alunos internos, externos e para a vizinhança.

2 de novembro

Chuva de pedra - verdadeira calamidade que prejudica grandemente as plantações.

novembro Adaptação e aumento das construções para Escola e internato.

1941

11 de maio

Inauguração da Casa de Repouso, sob a direção de D. Nina.  
Compra da " Chacrinha " e permuta de terrenos.  
Construção de uma casa na " Chacrinha ".

1942

12 de janeiro

Inauguração do internato da "Chacrinha " e construção da casa no Sumidouro.

setembro

Início da construção da Capela.  
Construção do galinheiro na Chacrinha.  
Instalação de uma pequena sapataria.

1943

Instalação da Cantina Escolar.  
Fundação do Clube Agrícola "João Pinheiro".  
Visita do Dr. Gustavo Lessa do Departamento Nacional da Criança.

1944

março

Fundação da Loja escolar.  
Construção e funcionamento do banheiro carrapaticida, construído por ordem do Governo de Dr. Benedito Valadares.

julho

1ª Visita do Secretário da Educação Dr. Cristiano Machado.

agosto

Construção da casa (de adobe) no Capão de Oliveira.  
Início da olaria.

- setembro Início da construção do Pavilhão Central, com verba do Departamento Nacional da Criança.
- outubro Fortíssimas chuvas carregam pinguelas e interrompem durante alguns dias a passagem da margem direita do Pantana, para a esquerda. As aulas são transportadas para a "Escolinha".
- dezembro Dr. Sandoval Soares de Azevedo, eleito presidente da Sociedade Pestalozzi, toma a direção dos trabalhos na Fazenda do Rosário, em substituição a D. Helena Antipoff, que se muda para o Rio de Janeiro, assim como o Rev. Pe. Álvaro Negronte, vice-presidente, substituído por Dr. Amintas Vidal Gomes.
- 1945
- julho Início da construção da usina elétrica, de força e luz.
- agosto Preparo de uma piscina, para o banho dos meninos.
- 1946
- abril Inauguração do Pavilhão Central (metade do prédio ; refeitório, cozinha, consultório médico, biblioteca, duas salas de aula, salas para professores e diretora).
- julho Viagem da profª Maria Angélica de Castro, tesoureira da Sociedade Pestalozzi e sócia-benemerita, para o Território do Acre em qualidade de Diretora do Departamento de Educação.

- julho Visita do Dr. João Beraldo, Inter-  
ventor do Estado.
- agosto Compra de uma caminhonete.  
Plantação do parreiral.
- outubro Visita do Secretário da Educação  
Dr. Tristão da Cunha. Promessa do  
Govêrno nomear professôres para  
Escola Rural Dom Silvério.  
Compra do sítio de Sr. Santana,  
para sede da Escola Normal Rural,  
a ser fundada na Fazenda do Rosá-  
rio.

1947

março

Dois alunos matriculados na Esco-  
la de Horticultura de Itajubá e  
um, no curso secundário, em Belo-  
Horizonte.

Doação pelo Dr. Sandoval Soares  
de Azevedo de um aparêlho cinema-  
tográfico (projeção), e primeiras  
sessões de cinema para alunos, a-  
gregados da Fazenda e população  
vizinha, aos sábados e domingos.

- julho 1ª Visita do Secretário do Inte-  
rior Dr. Pedro Aleixo.  
Construção de ripado e de viveiro  
para mudas, na Chácara Santana.  
Fabricação dos primeiros milheiros  
de tijolos, na olaria da Fazenda.

- agosto Início de dois novos pavilhões, na  
Fazenda do Rosário e transferência  
do estábulo para margem direita do  
Pantana.

- setembro 1ª Visita do Governador do Estado  
Dr. Milton Campos, e do Secretário  
da Educação Dr. Abgar Renault -  
Primeiros entendimentos a respeito

da Escola Normal Rural e dos Cursos para Professôres a se realizarem na Fazenda do Rosário.

outubro      Construção da varanda do Pavilhão Central.  
Plantio do Bosque de Eucaliptos (12.000 mudas).

1948

março

Fornecimento de 20 H. P. pela Usina oficial do Gafanhoto, de Divinópolis, à Fazenda do Rosário, garantindo iluminação elétrica.

abril

Construção de uma padaria. Construção de um novo galinheiro na Chacrinha e transformação do 1º em moradia para empregados da Fazenda do Rosário.

julho

Construção de uma caixa d'água de 50.000 litros, elevada com bomba elétrica.  
Inauguração do 1º Pavilhão para meninos.

13 de julho

Inauguração do 2º Pavilhão e nela a instalação do 1º Curso de Aperfeiçoamento para professôres rurais sob a direção da Profª Helena Antipoff.

julho

Fundação do " Clube Agrícola Pestalozzi " nos Cursos Rurais.

agosto

Construção de pequena carpintaria.

setembro

Perfuração de um Poço Artesiano pela Escola de Sondadores da Secretaria de Agricultura.

- 9 de outubro Jornadas Ruralistas - Exposição de produtos agrícolas regionais, com a participação de fazendeiros e lavradores da vizinhança. Embaixada Fluminense de Professores sob a chefia do Dr. Amaral Fontoura - Comboio ambulante agro-sanitário da Secretaria de Agricultura. Distribuição de prêmios aos expositores. Congado.
- 10 de outubro Semana da Criança e oferecimento pelo Curso Rural de um bercinho à mãe cuidadosa - Encerramento do Curso Rural pelo Sr. Governador do Estado, Dr. Milton Campos, paraninfo do Curso (24 diplomados). Distribuição do Boletim Nº 1 - da " Escola Rural ", órgão dos Cursos Rurais da Fazenda do Rosário.
- 15 de outubro Instalação da cerâmica de arte popular, entregue ao Sr. Jetter Peixoto de Oliveira (de Pernambuco), com um grupo de meninos da Fazenda do Rosário.
- 1949  
fevereiro  
e parte do mês  
de março
- Chuvas torrenciais (43 dias). Interrupção do tráfego durante vários dias (barrancos na rodovia e ferrovia).  
Organização de uma Banda de Música na Fazenda do Rosário.  
Instalação do núcleo de emigrantes húngaros, sob a chefia do Sr. Francisco Uhlmann (pomicultores, jardineiros, ceramistas, especialistas em agro-moto-cultura, bordados e tapeçaria).  
Compra de terreno aos Irmãos Vital Gomes (Olaría).

- 21 de abril      Instalação do 2º Curso de Aperfeiçoamento para Professôres Rurais, com 56 alunas-mestras e uma assistente de Ensino Rural de Pernambuco, sob a direção da Profª Helena Antipoff.  
Inauguração na mesma ocasião do Salão e dos Anexos ao 1º Pavilhão, cedido pela Sociedade Pestalozzi aos Cursos Rurais.  
Fundação da Sociedade Ltda. Loja escolar - por quotas no Curso rural.  
Início da Construção do prédio da Escola Rural (dupla) doada pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, em convênio com o Governo do Estado.
- junho            Início da educação física e do es-  
cotismo, sob a direção de um sar-  
gento, comissionado pelo Comando  
da Fôrça Militar de Minas.
- 9 de julho       2ª Jornarda Ruralista. Exposição  
dos Produtos agrícolas e pequenos  
animais. Comboio ambulante da Se-  
cretaria de Agricultura distribui  
os prêmios aos vencedores do con-  
curso.
- 10 de julho      Encerramento do 2º Curso de Pro-  
fessôres Rurais, sendo paraninfo  
do Curso Dr. Abgar Renault, Secre-  
tário da Educação.
- 24 de julho      Instalação do 3º Curso de Aperfei-  
çoamento para professôres rurais,  
com 50 alunas-mestras, sob a dire-  
ção da inspetora regional D.Benedi-  
ta Melo.

- 19 de agosto Instalação do Curso Normal Regional, na "Chacrinha", pelo Governador do Estado Dr. Milton Campos. Funcionamento do Curso Normal em prédios cedidos pela Sociedade Pestalozzi, e adaptados, com 40 alunos, (bolsistas do Estado, apresentados pelas Prefeituras municipais de Minas) e 15 alunos semi-internos, provenientes da Fazenda do Rosário e arredores.
- 31 de agosto Aulas de tratorismo aos alunos da Escola Dom Silvério. Início da construção do prédio da Escola Normal Rural, pela verba do Ministério da Educação (INEP) em convênio com o governo do Estado.
- setembro Encanamento d'água e colocação da bomba elétrica no poço artesiano da Chacrinha. Instalação do apiário (novos núcleos) na Chácara Santana.
- 21 de setembro Grande parada da Primavera, no Dia da Árvore, reunindo-se mais de 300 alunos dos três Cursos, primário, normal regional e de professores rurais, sob a direção do Dr. Roberval Cardoso do Ministério da Agricultura, num belo cortêjo. Plantio de arvoredos.
- 2 de outubro Encerramento do 3º Curso de Aperfeiçoamento (50 professores rurais). Exposição de trabalhos e artes populares. Boletim Nº2 "Escola Rural".
- 4 de outubro Instalação do Clube Agrícola Dr. Rolfs no Curso Normal Regional (Nº 1565 de registro no Ministério da Agricultura). Desenvolvimento da cerâmica indus-

trial (vasilhame para mudas de floricultura) fabricado em 2 tor-nos elétricos.

Desenvolvimento da horti-pomi e floricultura em moldes racionais sob a orientação dos técnicos hún-garos (emprêgo de maquinismos, ca-nhão hidráulico para irrigação, preparo dos solos, etc.).

- 5 de novembro Início da construção, pela Secre-taria de Viação, na Chacrinha (frente à Capela) de um pavilhão para aulas do Curso Normal Regional.
- dezembro Início da tecelagem doméstica em te-ares rústicos. Vinda da tecelã Dona Dorcelina, de Passa-Tempo.
- 18 de dezembro Encerramento do 4º Curso de Aper-feiçoamento (56 professôras rurais). Inauguração do prédio da Escola Ru-ral Dom Silvério, construído com a verba inicial do Fundo N. de Ensino Primário (escola dupla) - Dr. Murilo Braga, diretor do INEP, acompanhado do prof. King Hall da Columbia Univer-sity, assistiu à solenidade.
- 31 de dezembro Encerramento festivo dos primeiros 10 anos da Fazenda do Rosário.
- 1950
- 14 de março Instalação do 5º Curso de Aperfeiço-amento para professôres rurais do sexo masculino, sob a direção do prof. Antônio Benedito de Carvalho.
- 25 de março Reinício das aulas do Curso Normal Regional.
- abril Início da construção do Posto de Puericultura, doado pelo Departa-mento Nacional da Criança.

Abandono da construção do prédio doado pelo Fundo Nacional de Ensino na Fazenda do Rosário, em local julgado impróprio.

- maio Aquisição de uma nova propriedade rural, de 9 alqueires aproximadamente, ao Sr. Pedro Pinheiro (adjacente aos terrenos da Sociedade Pestalozzi) pela importância de Cr\$ 200.000,00 e início da nova construção da Escola Normal Rural.
- 26 de maio Inauguração do Jardim de Infância "26 de Maio", data natalícia do presidente da Sociedade Pestalozzi, Dr. Sandoval Soares de Azevedo, no local ao ar livre, à sombra de um frondoso jatobá.  
Início de uma construção à margem da estrada de Oliveira, em frente ao portão da Fazenda do Rosário para nele instalar uma agência do correio, telefone, grande sapataria e açougue. Doação do Sr. Oscar Neto.  
Construção de uma grande pocilga, na Fazenda do Rosário.
- junho Encerramento do 5º Curso rural, com 37 professores do sexo masculino.  
Instalação do 6º Curso rural sob a direção da profª Francisca Otoni.
- 8 de julho Falecimento do Presidente da Sociedade Pestalozzi, Dr. Sandoval Soares de Azevedo, passando a presidência da mesma ao Dr. Amintas Vidal Gomes.
- 24-30 julho Instalação do 1º Seminário de Educação Rural, sob a presidência do Governador do Estado Dr. Milton Soares Campos, e com a participa-

- ção de representantes de vários Estados do Brasil. Uma semana de intensos estudos, palestras e debates, tomando neles ativa parte o Senhor Secretário da Educação, Dr. Abgar Renault.
- setembro Encerramento do 6º Curso, com um total de 50 professoras diplomadas.
- 4 de outubro Instalação do 7º Curso de Aperfeiçoamento, sob a direção da profª Ibrantina Amaral, diretora técnica do G.E. de S. Sebastião do Paraíso. Exposição dos trabalhos da Cerâmica popular da Fazenda do Rosário na Escolinha de Arte, no Rio de Janeiro.
- 23 de dezembro Encerramento do 7º Curso de Aperfeiçoamento, diplomando-se 43 professoras rurais.
- 1951
- 9 de janeiro Instalação do 1º Curso de Educação Emendativa sob a direção da profª técnica Dona Iolanda Barbosa, diretora da Fazenda do Rosário.
- 26 de janeiro Inauguração da Exposição de Educação Rural e da Cerâmica da Fazenda do Rosário, no edifício Dantes, em Belo Horizonte, pelo Sr. Governador do Estado Dr. Milton Campos.
- 28 de janeiro Inauguração, na presença do Secretário de Educação Dr. Orlando de Carvalho, de quatro primeiros pavilhões do prédio oficial da Escola Normal Rural Sandoval Soares de Azevedo, no terreno que passa à propriedade do Estado de Minas Gerais.
- 30 de janeiro Encerramento do primeiro ciclo do Curso de Educação Emendativa, com 18 professoras-alunas, das quais cinco são professoras de São Paulo.

- 25 de março Páscoa e conclusão das cerimônias da Semana Santa, celebrada na Capela da Fazenda do Rosário, com grande afluência de vizinhos.
- 28 de março Instalação do 8º Curso de Aperfeiçoamento, sob a direção da profª técnica Dona Esperança Spares de Oliveira, de Sabará.
- junho 1ª Semana de Orientadores do Ensino em zonas rurais.
- 2 de julho Encerramento do 8º Curso, diplomando-se 46 professoras rurais. Exposição dos trabalhos e produtos agro-pecuários dos Municípios.
- agosto Instalação do 9º Curso de Aperfeiçoamento sob a direção da profª técnica D. Hermínia de Azevedo, do G.E. de Congonhas do Campo.
- 7 de setembro Comemoração geral da Semana da Pátria por todos os componentes dos três Cursos da Fazenda do Rosário.
- 21 de setembro Grande parada da Primavera. Plantio de Árvores.
- 30 de setembro Concurso de " Janelas floridas ", abrangendo 67 moradias da Fazenda do Rosário e vizinhas, entre quilômetro 10 e 27 da rodovia de Oliveira. Distribuição de valiosos prêmios.
- 10 de outubro Comemoração da Semana da Criança.
- 26 de dezembro Encerramento na Fazenda do Rosário do 3º Curso Regional de Treinamento para professores rurais de Conselheiro Mata (Diamantina) e do 9º Curso de Aperfeiçoamento paraninfados pelo Governador do Estado Dr. Juscelino Kubitschek

de Oliveira e o Secretário de Educação Dr. Odilon Behrens, respectivamente.

1952  
março

Consolidação do pavilhão dos Cursos e aumento do prédio com nova cozinha.

Reinício da construção do Pavilhão Central da Fazenda do Rosário.

2ª Reunião dos Orientadores do Ensino em zonas rurais.

Primeira Quinzena dos Dirigentes dos Clubes Agrícolas das Escolas rurais.

28 de março

Instalação do 10º Curso de Aperfeiçoamento, sob a direção da profª técnica Dona Hermínia de Azevedo.

abril

Transferência do Curso Normal Regional da Chacrinha (Fazenda do Rosário) para o novo prédio oficial, construído em terreno próprio.

1 de maio

Ocupação da Chacrinha pelo internato de meninas, amparadas pela Sociedade Pestalozzi na Fazenda do Rosário. Direção da profª Aracelis Salvador e Gislaine de Freitas. Funcionamento nela da 4ª série primária da Escola rural Dom Silvério e do Curso de admissão.

29 de julho

" Festa do Milho " na Escola Normal Rural e no Curso Rural, com o concurso de 67 fazendeiros e lavradores vizinhos. Bela exposição de trabalhos artísticos com produtos do milho. Dansas folclóricas. Assembléia inaugural da Cooperativa " Rosário ".

4 de agosto

Encerramento do 10º Curso, diplomando-se 44 professores rurais.

- 19 de agosto Comemoração dos 3 primeiros anos da Escola Normal Rural "Sandoval Soares Azevedo".
- 20 de agosto Início do 11º Curso de Aperfeiçoamento, com a inclusão na matrícula de 9 estagiárias, bolsistas da Campanha Nacional de Educação Rural, segundo o acôrdo firmando entre a Sociedade Pestalozzi, a Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais e o Ministério da Educação, em 2/6/52.
- Pesquisa de Geografia agrária pelo prof. Orlando Valverde, comissionada na Fazenda do Rosário pela C.N.E.R., com a participação dos alunos do Curso Normal e de Aperfeiçoamento.
- setembro Ampliação e aparelhamento da Cerâmica popular da Fazenda do Rosário pela verba de auxílios da C.N.E.R. Idem do internato dos bolsistas e estagiários dos outros Estados pela verba da C.N.E.R.
- 6 de setembro Instalação oficial do 11º Curso de Aperfeiçoamento. Adaptação do Pavilhão "Rui Barbosa" e aparelhamento para o funcionamento da Cooperativa "Rosário", (verba da C.N.E.R.)
- 23 de setembro Inauguração do "Pôsto de Puericultura Alcina Campos Taitson" na Fazenda do Rosário pelo prof. Martagão Gesteira, diretor geral do Departamento Nacional da Criança.
- Recepção dos membros da "6ª Jornada Brasileira de Pediatria e Puericultura". Apresentação dos relatórios dos temas relativos à criança oligofrênica e criança nervosa.

- Almôço na Escola Normal Rural.
- Grande Parada da Primavera e festejos folclóricos.
- Recepção dos membros do "Seminário sôbre Infância Excepcional".
- outubro- 2º Seminário de Educação Rural,
- novembro patrocinado pela Campanha Nacional de Educação Rural (M.E.S.).

NOTAS SÔBRE ALUNOS INTERNOS  
NA ESCOLA RURAL D.SILVERIO,  
NA FAZENDA DO ROSÁRIO -

pela sua Diretora Dona Iolanda  
BARBOSA.

Num estabelecimento como a Fazenda do Rosário, criada para cuidar da educação das crianças excepcionais, desde 1940, tivemos que lidar até o momento com inteligências taradas, com caracteres difíceis, com desajustados, com desamparados, enfim com muitas outras crianças, que constitui cada uma, um problema social e psicológico para o educador.

Da parte dêste, muita paciência e dedicação, muitos sacrifícios, muita tolerância e, muita fé e persistência no trabalho de cada dia, de cada hora, de cada momento, foi preciso.

Dos 343 alunos que já passaram pelo Rosário, dos quais 121 estão ainda internados e, de acôrdo com os testes pesicológicos aplicados, em boa parte com nossas observações na convivência diária com êles, durante 12 anos, pudemos grupá-los segundo a inteligência em :

Idiotas, imbecís, débeis mentais e retardados leves.

Idiotas - Já passaram pela Escola 18 alunos idiotas, estando ainda internos 4.

Para êstes não tem sido em vão o trabalho educativo ; pelo menos uma boa adaptação ao meio foi conseguida.

I. - 14 anos, que durante três meses, apenas dava guinchos descontrolados e, fazia birras rolando pelo chão, não usava o garfo ou colher, suas necessidades fisiológicas eram satisfeitas onde estivesse, etc., hoje entra nos brinquedos dos companheiros, toma as refeições na mesa comum, executa trabalhos simples, como : carregar tijolos, varrer, molhar plantinhas e, outras pequenas tarefas, assistido pela professôra.

Solfeja as canções ensinadas na classe e, já leva a mandado, objetos de um pavilhã a outro.

Até hoje, porém, come tudo que encontra pelo chão, cascas de frutas e, às vezes, associa-se à refeição do cachorro.

J. C. - 16 anos, abandonado pela mãe, foi criado pelo pai-operário no mato numa choça sem janelas.

Ao chegar na Escola trazido pelo nosso carreiro, que o encontrou prêso nos buracos da parede, gritou duas horas com medo da luz elétrica pela qual passou a ter depois grande admiração, tendo sempre um verdadeiro delírio, nos primeiros dias, quando as lâmpadas eram acesas.

Hoje, depois de 8 anos tem bastante contrôle e, emprega formas sociais, como " dá licença ", quando quer passar, " muito obrigado ", quando recebe alguma cousa.

Agressivo, imprudente ; mas torna-se manso, logo que se lhe faz algum carinho. Sabe muitas melodias e as distingue mesmo.

Hoje trabalha na cozinha, fazendo limpeza, varrendo, escolhendo o feijão e, se encontra alguma vasilha suja ou fora do lugar, procura logo acomodá-la, mesmo pondo os panos de prato dentro da pia, e outras.

Ri-se quando pode fazer alguma maldade.

Outro dia jogou um gatinho dentro da fornalha e outro dentro do tanque cheio de água e, ria-se, batia palmas, ao ouvir os miados de dor, dos mesmos.

Juv. - Muito tristonho, desanimado e muito doente. Por duas vezes já esteve à morte por distúrbios hepáticos.

Come casca do chão, feijão e milho crú, etc..

Não é mudo, mas não fala, só quando em perigo grita : " papai ".

M.V. -, menina-anã, sempre sorridente. Inteiramente inativa no início, hoje toma parte e trabalhos domésticos, varrendo com cuidado o chão, cata feijão na cozinha, tornando-se mais útil e satisfeita.

Todos os quatro assistem, com visível interesse, às sessões de cinema, permanecendo quietos ou manifestando entusiasmo nas cenas mais movimentadas.

Imbecís - Um número bem maior de crianças deste tipo já passou pela Escola : - 46.

Entre êles, tipo bem interessante, como C.M., que tinha uma imaginação louca, falava descontroladamente.

Durante dois anos passou nas horas de aulas de olhos fechados, mas, em sua gaitinha de bôca, executava qualquer música; bastava ouvi-la uma vez só.

Alguns conseguiram aprender elementos de leitura como : J. B, A., Alt. e J. C., mas, nunca chegaram a se familiarizar com os números e operações aritméticos.

J. B. achava mesmo que quem inventou os números, deveria estar no inferno.

Outros como : Af., G.T., E., J.L. e J. C., que poderiam copiar páginas inteiras com ótima caligrafia, nunca chegaram a reconhecer nenhuma palavra.

Ainda entre êles, tipos curiosos, como : C.M., G. e A. V., que conheciam bem muitos problemas da fazenda ; têm um grande interêsse pela criação, pelas plantas, pelo empregado, mas, detestam as aulas e, o Carlos até achava que a professôra devia morrer.

#### RETARDADOS MENTAIS -

Tem sido quase a totalidade de nossos alunos incluídos no número dos retardados mentais : 114 alunos.

Apesar do retardo que apresentam na entrada para a Escola, a sua maioria, passando nela mais de dois anos, conseguiu aprender a ler e escrever quase que corretamente ; tendo mesmo 21 conseguido tirar o Curso Primário ; 35 são operários, pedreiros, carpinteiros, empregados no comércio, mecânicos, na Cidade.

Entre êles 5 são casados e mantém, regularmente, suas famílias.

Estão internos na Escola : 2. São empregados e trabalham na Cerâmica da Escola e outro na Floricultura. - 31 estão ainda internos e os demais em rumo ignorado.

Dos que já se retiraram da Escola, sabemos de um que se tornou vagabundo e, um que tomou parte num assalto em Belo-Horizonte : G., êste, aliás, só esteve interno 4 meses na Escola.

Entre os retardados mentais ainda podemos classificar os retardados por defeitos sensoriais e por defeitos de caráter.

Entre aquêles tivemos crianças paralíticas, míopes, cegas, surdas-mudas, de mudez parcial, com linguagem defeituosa.

Entre os defeitos de caráter encontramos os instáveis, os voluntariosos, cínicos, irascíveis, perversos, agressivos, os mentirosos, os que furtam, os intrigantes, os caluniadores.

A agressividade não se apresenta da mesma forma, nem com a mesma intensidade em todos ; por exemplo, tivemos alguns como o Ed., o Val., Cel., Gil. e J. Av., que só agrediam quando eram insultados pelos colegas ; por pequeno que fôsse o insulto, logo se deixavam tomar de um grande ódio e então a luta estava armada.

Outros como G. E., A. V., J. Amb. e Jua. agrediam um companheiro pelo prazer de ver a reação, acabando tudo às vezes em forte pancadaria.

Outros ainda como N. M., Dal. e I., não reagem no primeiro momento ; mais inteligentes, discutem, pedem e dão explicações, mas, chegando a se enraivecendo, são difíceis de se controlar ; vão até o fim, podendo "tirar sangue" dos contrários.

Por último Ed. e J. Ch. agredem qualquer um, sem motivo, só para expansão ao seu caráter agressivo.

Os mentirosos são bem numerosos e têm diversos gêneros de mentiras : - os mentirosos acostumados, não sabem dizer a verdade e apesar de retardados mentais como Jua., J. G. e D., têm que mentir primeiro para depois falar a verdade ; quando interrompido porque mentiu responde como o D. : " Eu até esqueci que o certo era isto " ; tão habituado está a mentir ; outros mentem para se engrandecer e, com sua imaginação cheia de fantasias, imaginam uma mentira e, depois, a glorificam como se fôsse uma verdade.

Osv. F., criança abandonada, recolhida na rua pela polícia, contava aos outros longas histórias sobre os parentes riquíssimos que moravam no Rio e, possuíam aviões, carroças, etc..

Ag. tece uma grande fantasia sôbre uma padrinho imaginário, muito rico, que tem muitos rádios, automóveis, etc..

Temos ainda os que mentem para se desculparem de qualquer mal feito e, sempre culpando os companheiros, como o Vil., Franc. e o Paul.

Os Impúdicos - Não tem sido comum encontrar meninos impúdicos de bom meio social ; geralmente são encontrados entre as crianças de baixo nível social, abandonadas.

Além dos gestos feios e palavrões que usam, sabem uma série de histórias imorais, talvez, inventadas por êles, reproduzindo fatos presenciados na rua ou em casa, na promiscuidade em que viviam.

Temos, atualmente, alguns alunos dêste tipo : J. Vit. que gosta de contar casos imorais, histórias indecentes com uma seriedade e convicção impressionantes.

J. Amb., criado na rua, filho de alcoolatra é de uma precocidade sexual incrível: Não pode passar perto de uma menina ou mocinha sem lhe dirigir uma gracejo pesado ou um palavrão. Cínico, ao extremo, é capaz de praticar qualquer ato indecoroso diante dos companheiros. Viveu até os 7 anos na zona de meretrizes do Leprosário (parte sã). Conhece os problemas da vida da camada mais baixa da sociedade.

Esperamos que êle se regenere, porque é inteligente, gosta de leitura e tem aptidões para música.

Os Intrigantes - Encontramos ainda os intrigantes que, felizmente, têm sido em número bem reduzido. Fazem intrigas para serem agradáveis no momento e, principalmente se precisam de algum favor de seu ouvinte.

Tivemos um aluno, D. S., que chegou a provocar conflitos entre os empregados, contando intrigas ; entretanto, hoje é ótimo trabalhador, calado, sério e de poucas amizades ; trabalha na Floricultura da Fazenda.

Normais - Dêstes, 40 estão ainda internos na Escola. Um terminou o Curso na Escola de Horticultura de Itajubá, 9 estudam em Cursos secundários, 20 exercem diversas profissões : comer-

ciários, operários, trabalham em oficinas, escritórios, etc.. Dois fazem o serviço militar e três já são casados, operários.

Estado de saúde : -

Os nervosos : - alguns bem difíceis, como o Cel., Jor. A., J. P., Ad., J. B.. Nas suas crises nervosas, esgotávamos todos os recursos médico-pedagógicos para acalmá-los.

Cel., por exemplo, atirava nas pessoas tudo que encontrava na sua frente : cadeiras, pratos, etc..

Jor. gritava até ficar rouco, até que descobrimos que o melhor calmante era cantar uma canção de Carnaval, das que êle conhecia. De uma crise nervosa passava imediatamente para o sorriso mais angelical possível.

J. B., quando atacado, resolvia insultar uma professora e, às vezes, durava horas o mesmo insulto e até palavrões.

I. grita durante várias horas, rolando pelo chão, até que se descubra o que êle deseja.

J. Ch. morde-se, estala os dedos e às vezes tem crises de choro.

Epilépticos - Já tivemos diversos casos, todos muito difíceis, principalmente, entre os adolescentes.

Aleijados - Entre os aleijados contamos, entre diversos, três de caráter muito difícil : J. Franc., Ben. e Am.. São revoltados e, com exceção do Ben., andam insatisfeitos e mal humorados.

Temos, atualmente, um aleijadinho que anda de muletas, mas corre com uma rapidez incrível de quatro pés e, sobe nas árvores. Muito desconfiado e, quase não fala : está poucos meses na Escola.

Os raquíticos e fracos de saúde têm sido em número bem grande, mas, em pouco tempo com o tratamento clínico e alimentação eficiente, recuperam logo.

Recebemos um aluno, o J. M., com 5 anos, descalcificado e, de uma fraqueza impressionante. No consultório ao recebê-lo, nosso médico achou desnecessário qualquer medicação, tal era já a gravidade de seu estado. Com 2 meses de repouso e super-alimentação, recuperou a saúde e, hoje com 13 anos é um menino forte, fazendo já o 4º ano primário.

Outro, nas mesmas condições, o Zez., de 6 anos, interno há dois anos, já se tornou mais forte e, entre os pequenos de sua turma, é o mais vivo e alegre.

#### Abandono social -

Dos 340 alunos que passaram pela Escola, 116, isto é 37% foram internados por motivo de abandono social e falta de recursos financeiros. (Órfãos de pai e mãe - 47 ; pais desconhecidos - 69).

Quanto a procedência temos 3 internos que apesar de tôdas as pesquisas possíveis, não conseguimos identificar nenhum parente : J. P. foi retirado do trem de passageiros pelo delegado. Não tinha companheiro de viagem, não tinha passagem e, na sua ingenuidade de 6 anos e debilidade mental, nada sabia nem a respeito de seus pais, nem do lugar de onde viera. Há 11 anos que está internado na Escola e, ninguém o visitou. Com seu bom gênio e, com sua mentalidade deficiente não sente falta ; considera a Escola sua casa.

Mo., recolhido da rua pela polícia, ainda aos 5 anos, nada sabe dos seus ; está na Escola há 8 anos, sente-se feliz.

H., também, enviado à Escola pela polícia, só sabe dos seus que : " Morava no môrro do Querosene".

Há, atualmente, internos na Escola, 8 alunos que há mais de 6 anos não recebem visita de parentes ou amigos.

#### Matrícula -

Não limitamos a nossa matrícula, ela está sempre pronta a receber " mais um aluno " logo que haja uma vaga, ou não haja, às vezes.

No início do ano, o Presidente da Sociedade Pestalozzi é notificado das vagas existentes. Ele as preenche com os casos mais urgentes e, tôda vez, que se vaga um lugar, é logo ocupado pelo caso que requer imediata solução.

A idade mental varia de 2 a 12 anos. Infelizmente não nos é possível ainda dar uma classificação precisa sôbre essa idade, por faltar, atualmente, na Escola de um psicólogo para êsse trabalho.

Com a colaboração de D. Helena e suas auxiliares, um bom número de alunos já foram testados.

A N O D E 1 9 5 2  
MATRICULADOS NO INTERNATO NO 1º SEMESTRE DE 1952

	Masc.	Fem.	Tot.
De 4 a 6 anos.....	4	1	5
De 7 a 12 " .....	60	8	68
De 13 a 18 " .....	32	7	39
Adulto .....	1	-	1
Ignorada.....	3	5	8
<b>TOTAL...</b>	<b>100</b>	<b>21</b>	<b>121</b>
	<b>TIPOS DE ALUNOS</b>		
	M.	F.	Tot.
Retardo Mental.....	50	4	54
Débil profundo....	8	4	12
Normal.....	5	-	5
Não classifi- cados.....	37	13	50
Mixedena.....	-	1	1
Nervoso.....	4	-	4
Defeito de caráter.....	2	-	2
Deficiência visual.....	2	1	3
Defeito de linguagem.....	12	-	12
Gago.....	5	-	5
Aleijado.....	2	-	2
Surdo-mudo.....	1	-	1
Surdo .....	1	-	1
Paralítico.....	-	1	1
<b>INTERNATO.....</b>	<b>100</b>	<b>21</b>	<b>121</b>
<b>EXTERNATO.....</b>	<b>93</b>	<b>72</b>	<b>165</b>
<b>TOTAL...</b>	<b>193</b>	<b>93</b>	<b>286</b>
Escola Normal.....	2	2	4
Com diploma da escola primária.....	8	-	8 (trabalhando na Flo- ricultura, Cerâmica e Construção)
Sem diploma.....	3	-	3 (Chefes de turma- lavoura)

Desde a fundação, atendidos no internato, 340.

RELATÓRIO DO CURSO NORMAL REGIONAL  
DA FAZENDA DO ROSARIO -

Prezada D. Helena :

Encerrado o ano letivo de 1951, passamos a relatar as atividades do Curso Normal Regional "Sandoval Soares de Azevedo", no período de 26 de março a 30 de novembro.

Como no ano de 1950, manteve a escola regime de internato e externato mixtos na Chacrinha, da Fazenda do Rosário. A 1ª série funcionou a partir de 20 de abril, havendo sido cedido, para o seu alojamento, o Posto de Puericultura da Fazenda. Matricularam-se na 1ª série 27 alunos, dos quais 23 internos. Na 2ª série, foram matriculados 37 alunos, sendo 25 internos. Dos 48 internos, 44 são do sexo feminino e 4, do masculino.

As aulas foram ministradas das 12,30 horas às 17,30, sendo os trabalhos práticos realizados na parte da manhã.

Manteve a escola, como nos anos anteriores, o regime familiar para os alunos internos. A liberdade de ação e de locomoção que tem o aluno, nesse sistema disciplinar, dá-lhe oportunidade de melhor se educar, adquirindo, pelo seu auto-contrôle, uma personalidade mais vigorosa, uma vontade mais esclarecida. Entretanto, carece essa liberdade de discreta e constante vigilância, tanto mais difícil de contrôle quanto mais amplas são as atividades dos educandos e mais pujante o seu desabrochar de adolescentes. Constitui isto o nosso maior trabalho, sendo os nossos alunos assistidos pelos professores internos, que procuram encaminhá-los à análise de seus atos, levando-os, por esforço próprio, à modificação de sua conduta. Talvez seja ainda por demais cedo para pronunciarmos a respeito dos efeitos da co-educação. Entretanto, ousamos observar que as nossas alunas, em constante contacto com os colegas dentro de um regime de liberdade controlada têm encontrado, nesse regime, as oportunidades necessárias à formação de uma atitude de camaradagem, de compreensão e de respeito

mútuo. Não deixa, entretanto, de trazer êsse sistema grande responsabilidade a quem dirige, mas de que nos valeria preparar bem as nossas alunas quanto a realização do programa, torná-las boas donas de casa através das diversas atividades realizadas, se as deixássemos falhar socialmente? Talvez não seja otimismo exagerado o esperarmos que as alunas educadas nesse regime tenham, nas suas escolas isoladas, para as quais se destinam, uma atitude controlada e consciente e uma influência bem mais profunda no meio em que hão de viver. Encorajadas pela experiência de 2 anos e meio, de trabalho dentro dêsse regime, esperamos prosseguir na realização dessa auspiciosa obra de formação de verdadeiras mestras rurais.

O desenvolvimento geral alcançado pelos alunos, quer através de atividades práticas, quer na execução do programa escolar, parece-nos bastante satisfatório. A organização de diversos clubes trouxe marcante interesse na realização do trabalho, que se tornou mais objetivo. Funcionaram, neste ano, os clubes de Donas de casa, de Saúde, Agrícola, de Leitura (1ª série), Grêmio Literário, de Geografia, Esportivo e um Clube espiritual (religioso).

Os alunos movimentaram a eleição das diretorias, discutiram e aprovaram estatutos, organizaram reuniões para apresentação e discussão de trabalhos, que se tornaram agradáveis e feitos com interesse. Merece destacado registro o Clube Agrícola, que produziu hortaliças, aves e oves em quantidade quase suficiente ao abastecimento da escola; cuidou ainda do início da criação de suínos, da cultura de milho, mandioca, cana, amendoim e mamão, havendo enviado regularmente seus relatórios ao Ministério da Agricultura.

Continúa a Escola a registrar a sua vida, através do diário elaborado pelos alunos das duas séries. Esse trabalho, como no ano passado, constituiu rica e ampla fonte de ensinamentos ao ser lido e comentado, além de contribuir poderosamente no desenvolvimento da composição, no enriquecimento do vocabulário e no desenvolvimento do pen-

samento lógico. Outro diário, relatando a vida talvez sob outro ângulo, foi feito pelas professoras internas, no qual se registram impressões sobre os alunos, suas modificações, seus crescimentos. Interessante trabalho foi feito através do jornal da Escola. Nessa publicação datilografada semanalmente, os alunos escrevem artigos sobre assuntos diversos, relacionados com a vida escolar, fazem seus comentários, suas crônicas, suas críticas. A página social registra as comemorações, as visitas, os aniversários. A coleção dos jornais publicados nesse ano e, sobretudo, os diários bem refletem a vida que aqui se viveu.

Na execução do programa escolar, dois assuntos centralizaram os estudos, globalizando-os, no corrente ano, nas 2 séries do curso: Água e Alimentação. Os trabalhos realizados nas diversas cadeiras se entrosaram, de modo a tornar mais amplos e mais significativos os conhecimentos adquiridos. Para bem conduzir esses dois projetos, os professores se reuniam semanalmente, a fim de discutir pontos de aproximação ou de contacto entre as diversas disciplinas, verificando-se, por parte dos alunos, perfeita transferência dos conhecimentos adquiridos numa determinada matéria para campos diversos. O estudo teve caráter essencialmente funcional. O projeto sobre a água partiu da real necessidade de abastecimento da mesma na escola em construção, havendo os alunos verificado a metragem e a capacidade dos canos condutores, dos depósitos e das caixas; analisaram a colocação destas, observaram o leito do rio, erosão e suas causas; fizeram levantamentos topográficos de áreas diversas; estudaram a água em seus diversos estados; seu emprego; a água nos alimentos, na higiene, no corpo humano, nas plantas, no solo e sub-solo, nas fontes, nascentes, rios, lagos e mares, na atmosfera; na literatura, na religião, na música (canções regionais, folclóricas, tendo como tema a água), na ginástica (exercícios imitativos da vida dos rios, das fontes, das chuvas, das ondas, etc.). Diversas

experiências foram realizadas, vários trabalhos foram coletados ao fim do estudo, sendo apresentada uma dramatização organizada pelos dirigentes dos clubes da Escola. Assistindo a essa dramatização, o Exm<sup>o</sup> Sr. Secretário da Educação concedeu a verba necessária a uma excursão ao Rio São Francisco (Cr\$ 30.000,00 - trinta mil cruzeiros), a fim de que os alunos, completando seus estudos, observassem " in loco " a vida típica das populações ribeirinhas e a influência do grande rio numa vasta região. Essa excursão, que terá caráter de missão cultural, realizar-se-à em 1952, quando as águas do rio permitirem viagem sem interrupções.

O estudo sôbre a alimentação despertou igual interêsse, havendo os alunos analisado a composição dos alimentos ; valores nutritivos ; cálculo e porcentagem de calorias e de elementos diversos, nos vários alimentos ; estudo das vitaminas, protídios e lipídios ; necessidades orgânicas ; carências ; função dos alimentos típicos ; cardápios ; cálculo de despesas " per capita " na escola, relação de preços ; mercado ; porcentagem ; fatoração ; higiene da alimentação ; a alimentação nas diversas zonas do Estado, do país, do globo ; condições mesológicas ; áreas de fome ; áreas de produção ; exportação e importação ; comércio ; estudo do solo da escola ; prática sôbre a produção de hortaliças e outras plantas necessárias à vida do homem e dos animais. Influência da qualidade do solo no enriquecimento dos elementos nutritivos dos vegetais ; ração de suínos ; ração das aves ; verificação de gastos em relação à produção dos rebanhos. Foram feitas leituras várias de livros, trechos em prosa e verso ; estudados mapas de distribuição de produções diversas ; áreas cultivadas, etc., organizado concurso de frases, relação de termos novos, sua significação e aplicação ; feita a correspondência que o estudo exigiu. Todo êsse trabalho forneceu farto material para o estudo da língua e para o treino do desenho ilustrativo.

Encerrando essas considerações sôbre o ano letivo de 1951 desta Escola, seguem, anexos, os resumos mensais das aulas dadas e a apresentação do trabalho de cada professôr, referente a sua disciplina.

F. do Rosário, fevereiro de  
1952.

---

as.) Maria de Freitas

## A FAZENDA DO ROSÁRIO FESTEJA A PRIMAVERA

" Talvez saudando a chegada da mais querida estação, o sol espalhava pela terra seus raios côm de ouro, iluminando tudo. O céu azul ... azul ... sem uma nuvem sequer, estava lindo. Avezitas espertas e ligeiras cortavam o espaço, soltando lindos gorgeios e faziam um alegre barulho com o bater das asas.

Como não podíamos deixar de comemorar tão sublime data, irmanamo-nos à Escola Rural Dom Silvério e ao Curso Rural de professôres para uma comemoração na nova Escola.

A banda de música tocava lindas e suaves canções. As crianças simples e puras de pensamento, deixavam expressar pelos rostinhos a alegria.

Professôres, jovens e crianças marchavam por entre robustas e majestosas palmeiras. O som dos passos de todos as patriotazinhas murmurava uma prece silenciosa à estação das flores e da alegria.

Ao chegarmos à Escola entoamos um canto singelo, fazendo soar pelo espaço o som das vozes variadas.

Os meninos de Dom Silvério pareciam bandos alegres de pássaros a andar pelo meio das árvores. Êstes louros, aqueles morenos, todos mostravam sentir um grande entusiasmo pela festinha.

As moças do Curso representaram muito bem uma peça sôbre a floresta.

Foram plantadas com grande cuidado duas mudas de dendezeiros, uma por D. Hermínia e outra pelo Dr. Marques.

Terminada tão simples comemoração, voltamos para nossas casas, coroadas pelos raios do sol primaveril.

(MARLENE HENRIQUE CAETANO - aluna da 1ª série do Curso Normal Regional "Sandoval Soares de Azevedo" - transcrito do Jornal "Juventude Ruralista", órgão semanal dos alunos da Escola Normal Escola Normal Sandoval Soares de Azevedo).

Em 30 de Setembro de 1951.

## SINFONIA DO TRABALHO

1 9 5 0

Trabalho ! Palavra que diz  
Tudo, e que nos faz feliz !  
E mais claro que, o sol,  
E nos dá tôda a riqueza  
Que escondeu o Gênio de Bresa "  
Nas montanhas de Hartobal.

Bem cedinho, já estamos  
Trabalhando, trabalhando  
Numa agitação febril :  
Rasp., rasp. ... (com a enxadinha),  
Tchiiiiiiiiii ... (regando a plantinha)  
Tudo pro bem do Brasil !

Na cozinha, xic-xic  
Está ela xic-xic  
A arear, (a cozinheira)  
Os quitutes preparando  
Fortes todos vão ficando  
Nesta terra brasileira.

Esfregando xuáá, xuáá  
E batendo bá, bá, bá  
Lavadeiras triunfantes  
Cantam, suas roupas lavando,  
Pois estão colaborando  
Com o Brasil, êste gigante !

Zig, zag, o serrador  
Feliz, pois com grande ardor  
A enorme serra êle agita  
Todos com amor febril  
Trabalham pelo Brasil  
Por nossa terra bendita.

Da vassoura ninguem se esqueça  
E com ela xep, xep  
Vão varrendo todo o imundo,  
Pondo o Brasil, frente ao mundo  
Forte, belo, rico, útil ...

Com o livro, que tudo encerra,  
A vassoura, a enxada, a serra,  
Trabalha o jovem estudante,  
De um modo tão seguro,  
Preparando o seu futuro  
E o dêste Brasil-Gigante.

E a Pátria reconhecida  
Mil vezes agradecida  
Pagará com mil amores  
Com o seu labor futuro.  
O Brasil será seguro  
E vencerá, ó trabalhadores !

ZENITA SOUSA CUNHA - aluna  
da 1ª série da Escola Nor-  
mal Regional " Sandoval  
Soares Azevedo ". - Trans-  
crito do " Juvenil Ruralis-  
ta, órgão semanal dos alunos  
do Curso Normal Regional  
" Sandoval Soares Azevedo ".  
- Nº 17.

iiiiiii

## D I Á R I O

10º Curso de Aperfeiçoamento Rural

Fazenda do Rosário

9 de Maio de 1952

Sexta-feira

Seis horas da manhã. Um sino triste, compassado e sonolento como a gente, marcou o fim do repouso e início de um novo dia.

As suas primeiras badaladas, a voz de D. Sílvia se fêz ouvir nos dormitórios, iniciando as orações da manhã. Unímo-nos a ela e de cada leito se elevou uma prece aos céus !

Pesagem ! gritou a professôra, logo após a oração. Tôda casa se movimentou. Conversávamos à meia voz, com receio de rompermos de vez aquele grande silêncio que até então reinava. Numa preocupação de ganharmos tempo, rapidamente nos preparávamos.

Uma aluna, certamente a que se levantou primeiro, anunciou : " Não há água nos lavatórios ! " Compreendemos que os preparativos higiênicos seriam transferidos para o chafariz da horta e um vai e vem de moças apressadas, de toalhas ao ombro, se iniciou então pelo alpendre e frente do pavilhão, em direção ao chafariz.

Um frio que desafiava nossos agasalhos, parecia haver petrificado as palmas dos coqueiros da fazenda !

Voltando da horta, encontramos D. Lia, que substituindo D. Maria José, buscava-nos para a pesagem da semana. Em pequenas turmas, dirigímo-nos ao Pavilhão Central. Um grupo de crianças do Pestalozzi também descia naquele momento, tiritando de frio e procurando agasalhar as mãozinhas enregeladas nos bolsos e mangas de seus grossos macacões azuis. Indiferentes às intempéries, iam tagarelando, como tagarelam as crianças.

Com os resultados da pesagem, houve contentamento e descontentamento, como era natural.

Subíamos a pequenina ladeira que nos leva ao pavilhão do curso, quando ouvimos o sinal para a refeição da manhã. Sete horas e quinze minutos !

No refeitório, um vasinho florido no lugar de Maria Inês, indicava seu aniversário. Ficámos à espera da colega para os cumprimentos, que chegaram de todos os lados.

Terminado o café, os clubes se separaram, reiniciando as atividades interrompidas no dia anterior. Eram 7,45.

O Clube Rural, sob a orientação do professor Desidérius, preparou canteiros para o cultivo de alface, salsa e beterraba, além de receber uma aula proveitosíssima sobre adubos, elementos predominantes em cada um e quais os aconselháveis a cada tipo de hortaliça.

Na cerâmica, foram confeccionados vasos para flôres. Na carpintaria, serraram e lixaram madeira para a confecção de porta-retratos. O Clube de Saúde teve pouco movimento. Foram distribuídas 3 doses de atroveram a Aparecida, 1 envelope de comprimido para D. Lia e 1 cafiaspirina à empregada.

As 8 horas chegou a jardineira da Secretaria trazendo o Dr. Marques e depois, levando um grupo de colegas a Belo-Horizonte para tirar nova abreviatura. Elas partiram apreensivas mas voltaram contentes, porque nada havia de anormal.

Oito horas e cinquenta minutos ! Sinal para cálculos mentais. Nós do Clube Rural, os fizemos à tarde.

As 9 horas, o trotar de um cavalo, indicava a chegada do leiteiro da fazenda. Um pouco depois chegou o carteiro.

Mais uma badalada no sino e : " Aula de ciências naturais com o Dr. Marques Lisboa ", veio avisar D. Lília. Inicialmente, o professor deu um ditado chamando nossa atenção para determinadas palavras como : solo, matéria orgânica, substâncias minerais, água e ar. Num ensino puramente intuitivo, aprendemos o que é solo e como verificar a existência daqueles elementos na terra. Descansamos 10 minutos e na outra parte da aula, o professor

nos ensinou como confeccionar uma balança de papelão simples e prática, ao alcance de qualquer escola.

As 11,15 foi servido o almoço. O Dr. Marques almoçou conosco. D. Nenzinha também. A ação de graças, após o almoço, seguiu-se o canto : " Parabens a você, à nossa aniversariante.

A jardineira da Secretaria também já havia voltado, trazendo as colegas que foram à Capital, exceto o Sr. Adão que só chegou às 17 horas.

Nosso relógio marcava 12 horas quando nos dirigimos aos dormitórios para o repouso habitual. 12,25. Partiu novamente a jardineira, levando D. Ivete, que fará um tratamento em Belo-Horizonte. Nela seguiu também D. Efigênia, que passará o domingo em Ouro-Preto com sua família.

As 13 horas as alunas foram divididas em 2 turmas. Uma, assistiu aula de Língua Pátria, com D. Lília e a outra com D. Nenzinha, aprendeu vários jogos aplicáveis ao ensino da aritmética nas escolas rurais : Tiro ao alvo, Dominó, Mutirão.

D. Maria Angélica que de há muito não vinha em nosso curso, deu-nos também algumas orientações sobre administração escolar, às 14 horas. Em sua aula a professora procurou fazer distinção entre escola municipal, estadual e particular, entre escolas isoladas, reunidas, grupos escolares, explicando ainda as exigências da lei para cada tipo de escola. Sua aula terminou às 15 horas, quando foi servido o lanche. Após este, teríamos prova de higiene com o Dr. Eusébio. Como ele não pôde comparecer por estar atendendo aos doentes do Pavilhão Central, tivemos ocasião de cuidar em outras obrigações : estudo, banho, trabalhos manuais e irrigação dos canteiros para os membros do Clube Rural.

As 18 horas foi servido o jantar. Em seguida, recreio até as 8,40, quando nos reunimos no salão para ouvir a palestra da colega Clarice Nogueira sobre o município de Baldim. Antes porém, D. Lília aconselhou-nos a dar um aspecto mais festivo ao salão nos dias de palestras, fazendo até convites,

se possível fôr. Terminada a palestra, foi servido o café da noite. Outra badalada no sino significou o repouso noturno e a passagem de mais um dia no Rosário.

Nos dormitórios ainda resamos o têrço e o " Lembrai-vos " em honra de Nossa Senhora, neste mês a ela consagrado.

#### T e m p o

Manhã fria e céu ligeiramente nublado. Durante o dia, temperatura saudável, sol claro. Noite fria e enluarada.

#### C a r d á p i o

##### 1ª refeição

Mingáu de fubá, café com pão doce e manteiga.

##### Almôço

Feijão, arroz, bacalhau e batatinha. Sobremesa: laranja. Café.

##### Lanche

Chocolate e pão doce com manteiga.

##### Jantar

Sopa de macarrão, feijão, arroz, xuxu, batatinha, carne de charque. Sobremesa : laranja. Café.

#### Fato triste

Saída de D. Ivete por motivo de doença e ausência de D. Hermínia.

#### Fato alegre

O bom resultado do exame médico de nossas colegas em Belo-Horizonte.

#### Fato censurável

Não encontrei.

#### Cômico

Também não observei.

#### Pensamento

" O justo floresce como a palmeira na plenitude de sua fôrça, como o cedro do Líbano. "

#### O b s e r v a ç ã o

Os cursos de Aperfeiçoamento das professôras rurais vêm solucionar o problema da criança da roça, assim expresso em um número da revista :

Chácaras e Quintais :

" Menino da roça

Desde pequenino nas lides do campo tens por brinquedo o duro trabalho que faz calo nas mãos e te dá êsse ar de homem maduro. Tua carinha triste, é um grito de dor que há de acordar a consciência nacional. Então o Brasil te olhará com olhos de amor e te ensinará a sorrir ! "

Fazenda do Rosário, 9/5/52.  
Maria da Conceição Rolim Simões  
Município de C u r y e l o.

iiiiiii

A FAZENDA DO ROSÁRIO NA REFORMA DO  
ENSINO EM ZONAS RURAIS DE  
MINAS GERAIS

Foi em 1946, no govêrno provisório de Sr. João Beraldo, que se deu na Fazenda do Rosário o primeiro passo no caminho de medidas oficiais, em benefício da escola rural. O então presidente da Sociedade Pestalozzi, Sr. Sandoval Soares de Azevedo e ex-Secretário do Interior (1924-26), perfeitamente integrado nos problemas da educação pública, soube interessar as autoridades estaduais, conseguindo do Govêrno auxílios para a Fazenda do Rosário e a nomeação dos professôres para a Escola rural Dom Silvério (funcionando desde 1940), consolidando assim o núcleo escolar primário da Fazenda.

Outra medida de grande alcance foi a de ter conseguido o presidente da Sociedade Pestalozzi a promessa oficial quanto à futura instalação, na Fazenda do Rosário, de uma Escola Normal Rural. Não executada durante êsse Govêrno, foi entretanto valiosa a sua colaboração, com a contribuição de Cr\$ 100.000,00 o que permitiu a Sociedade, com outros auxílios, a aquisição, pela importância de Cr\$ 190.000,00 de um sítio contingente às terras da Fazenda do Rosário.

Este sítio, visitado em setembro de 1947 pelo Governador Dr. Milton Campos, Dr. Abgar Renault, Secretário da Educação e demais Secretários do Estado, foi considerado oficialmente a sede da futura Escola Normal Rural do Estado. Em 10 de outubro de 1949 lançava a pedra fundamental da Escola, já prevista na mensagem do Govêrno.

CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO PARA PROFESSORES RURAIS

Não foi entretanto a Escola Normal Rural a primeira a contribuir ao levantamento dos quadros do magistério rural. No dia 9 de julho de 1948, a Fazenda do Rosário começou a encher-se de singular movimento, com a chegada das primeiras candidatas ao 1º Curso de Aperfeiçoamento para professôras

rurais. Oriundas de municípios de todos os quadrantes de Minas, as 24 alunas-mestras, transbordantes de vida e de esperanças entoavam pelas estradas da Fazenda canções sertanejas, modinhas do interior, transportando nelas o sotaque peculiar a cada região.

De 90 dias de duração os primeiros Cursos, e alguns menos ainda, passaram, a partir de 1951, a serem de quatro meses cada, com uma matrícula média de 50 alunas-professôras por Curso, perfazer um total de 452 nos onze Cursos realizados na Fazenda do Rosário entre julho de 1948 e outubro de 1952. Selecionadas em Cursos intensivos de férias, nas sedes dos municípios, chegam no Rosário as melhores classificadas nesses Cursos e as normalistas. O número destas é no entanto reduzido, porquanto somente 9 a 10% entre o professorado rural é titulado. A esmagadora maioria é constituída de professôras "leigas", isto é, apenas tendo o curso primário, sendo que algumas nem êste, completo, possuem. Eis a dura realidade quanto ao preparo cultural e profissional do magistério em zonas rurais.

No entanto, moças do interior, acostumadas à vida doméstica e, algumas, aos trabalhos do campo, inteligentes e prendadas não poucas, aprendem e assimilam com facilidade os ensinamentos, por serem concretos e práticos os métodos didáticos.

Pelos extratos de alguns Diários (prática dos quais se observa religiosamente em cada Curso, constituindo assim o Diário algo de muito característico para os mesmos), pode se ter a idéia de quanto os Cursos de Aperfeiçoamento para professôras rurais foram realmente intensivos e como cheios corriam os dias na Fazenda do Rosário.

Sem nenhum confôrto, sofrendo não poucas privações, saudosas de seus lares, em que não rara vez deixavam marido, filhos pequenos, noivo, saudosas de seus alunos, as professôras dos 11 Cursos que se realizaram no Rosário levam, para os municípios, que as delegaram, uma farta messe de noções práticas, de técnicas de trabalho agrícola, de novas ati-

tudes escolares perante os alunos ...

Receitas culinárias, poesias, histórias transcritas, com abundância e capricho, em seus cadernos de notas.

Distribuídos em equipes de 8 a 12 alunas, realizam grande parte do Curso sob forma de Clubes, formando assim o hábito da cooperação e da responsabilidade no trabalho doméstico, de enfermagem, social ou científico, escolar, artístico, etc..

E' com orgulho que, findo o Curso, levam para suas escolas caixas de emergência, confeccionadas por elas mesmas, na carpintaria, material para curativos, injeções e vacinas, que aprendem a ministrar nas excelentes aulas do médico assistente Dr. Eusébio Dias Bicalho e da enfermeira dos Cursos.

Não menos preciosa é a carga de ferramentas agrícolas e de carpintaria, fornecidas pelo Ministério da Agricultura, ou a Secretaria da Educação do Estado, e que lhes facilitará o funcionamento de clubes agrícolas em suas respectivas escolinhas rurais.

Levam ainda outros objetos de " estimação " para as escolas : agulhas de tricot, feitas de bambú, furadores, canetas, pinceis de pita ; as " ceramistas " levam vasos, xícaras, cinzeiros, bonecos, etc., moldados em argila e queimadas por elas na Cerâmica do Rosário, revelando-se nesse trabalho não rara vez exímias artistas.

Não menor preciosidade representam os bonecos do Teatrinho de fantoches e as peças compostas por elas mesmas, ou transcritas dos cadernos dos Cursos anteriores. Os contos de fadas, Joãozinho e Maria, Chapeuzinho Vermelho, as histórias do ciclo de Jabuti, da Onça e do Coelho, sketches focalizando assuntos de higiene, como a formação de bons hábitos, a luta contra a opilação, a malária, o alcoolismo, etc..

Levam ainda planos de aulas escolares e farto material didático de ensino da Língua Pátria, da Matemática, Ciências, etc., cuja utilização em suas escolas facilitarão o emprêgo de métodos mais eficientes e atraentes para a criança.

Espera-se que da Fazenda do Rosário os professores rurais em exercício retirem maior proveito possível para suas escolas e para melhor servir a comunidade rural.

A FAZENDA DO ROSÁRIO,  
como experiência social e  
pedagógica no meio rural-

Em complemento às páginas precedentes, que relatam a vida da Fazenda do Rosário em seus vários aspectos e serviços, julguei oportuno juntar algumas considerações, de ordem mais geral, fruto de meditações acêrca do valor do empreendimento em seu conjunto e de alguns dos princípios que tácitamente presidiram ao seu desenvolvimento.

Seguindo a trama cronológica da Fazenda do Rosário, verifica-se como uma instituição pedagógica de modestas proporções pode alcançar objetivos de ordem social mais geral, à medida que se desenvolve seu trabalho cotidiano.

Convém frisar ainda como é possível a um grupo de educadores bem intencionados interessar a opinião pública e conseguir ampla colaboração de elementos valiosos da sociedade, da imprensa, de órgãos públicos e privados, colaboração esta capaz de levar uma singela obra de iniciativa particular num empreendimento de vulto, culminando um dia talvez numa " cidade " sui generis. Não certamente numa " cidade de meninos ", o que seria non-sense sociológico, e sim numa CIDADE RURAL, em que seus moradores, sem especificação profissional, sectária ou partidária se transformarem em cidadãos de um padrão mais apurado, de ponto de vista cívico, econômico e cultural.

E' interessante de constatar como, partindo de uma obra de ensino ou de amparo à infância, é possível contribuir ao " aldeamento " da população rural. Localizada a escola em um ambiente natural e conveniente, pode-se esperar que chegará, dentro de algumas décadas, a formar uma população mais concentrada em tórno dela, e servindo êsse aldeamento em zonas rurais de freio para o nefasto êxodo do campo para centros urbanos.

Se a experiência da Fazenda do Rosário surtir bons efeitos, seria uma espécie de " bandeira ", transportada para o nosso século, em que aos EDUCADORES caberia o papel social, o de edificar formas produtivas e mais equitativas de vida coletiva.

Convém apontar alguns princípios que sirvam de guia aos trabalhos em marcha :

1. Convém cultivar em todo indivíduo a consciência da liberdade de criar algo de melhor, em matéria de utilidade pública. Ao constatar a existência de fenômenos nefastos para o bem estar social, julgar-se com direito e dever cívico de intervir no decurso da vida social, opondo-lhes uma ação corretiva. Longe de se deixar incluir no grupo de espectadores e de indiferentes, assumir atitudes ativas, alimentando-as com a fé ilimitada no possível progresso da humanidade.

2. Nutrir confiança nos homens e no valor do elemento humano, por mais humilde que seja. Procurar na criança débil ou deficiente, no adolescente desajustado, ou no indivíduo adulto, sem cultura, sem preparo profissional, " leigo ", pela fôrça das circunstâncias que não lhe deram oportunidades escolares " de aprendizagem ", a colaboração, pois pode se encontrar no meio de todos êles indivíduos de invulgar inteligência, de fortes aptidões especiais e de virtudes morais de grande valor para a coletividade.

3. Manter viva a confiança na democracia e esperar da cooperação, franca e organizada de todos, efeitos substanciais para a sociedade em evolução.

4. Persistir na idéia de que o verdadeiro progresso social, econômico, político e espiritual, não se opera se não através da EDUCAÇÃO, da educação esmerada das novas gerações, principalmente, cabendo assim aos educadores a máxima responsabilidade tanto pelos males que afligem os povos, quanto pelo bem estar alcançado.

Juntarei ainda as seguintes considerações :

1ª. Na administração de qualquer espécie de empreendimento social - os dirigentes, eleitos ou designados, devem ter permanente o sentimento vivo de sua responsabilidade, e a consciência de que pesa sôbre seus ombros a imensa carga de deveres a cumprir : planejamentos e vigilância das realizações que se devam desenrolar na linha diretriz dos projetados empreendimentos.

Ao lado disso, deve haver em cada indivíduo da coletividade organizada presente ao espírito a idéia de que êle é um membro ativo, cingido do direito e da obrigação de colaborar, dar sugestões e fazer a crítica, construtiva e útil ao progresso da obra social.

Não havendo a crítica e sendo fracas as sugestões, cabe aos dirigentes provocá-las, solicitando sistematicamente e por processos diversos que tal colaboração se faça intensamente. E' necessário que todos se sintam responsáveis pelo andamento de uma obra social e colaborem com esforços e iniciativa.

E' surpreendente a quantidade de " descobertas " que possam surgir no campo de atividades e relações sociais, como na ciência e na arte; o poder criador do homem é inesgotável também nesse domínio que, estimulado, poderá levar valiosas contribuições para o progresso social.

E para terminar : considerando o campo-a zona habitada pela maioria da população brasileira ; considerando que a zona rural no Brasil representa no atual momento uma importância capital para o desenvolvimento integral da nação, é de inadiável necessidade : civilizar os ambientes rurais, elevando-lhes o nível cultural e econômico, de modo a permitir a seus habitantes alí permanecerem em condições que satisfaçam os justos anseios de conforto, higiene, ensino, trabalho, recreação e vida social desenvolvida.

Considerando a educação um dos mais incisivos fatores na transformação radical do meio físico e espiritual, a formação e ao aperfeiçoamento de educadores deve se dar um forte incremento para que neles a sociedade possa encontrar guias seguros para a população infantil e para os milhões de seres adultos, porém imaturos, abandonados no campo a sua própria sorte.

Notemos que a educação, permanecendo no plano empirico não terá a eficiencia esperada. Os órgãos de ensino rural, a escola primária e normal e cursos para professores em exercicio, merecem uma especial atenção: os ambientes escolares, os internatos, o pessoal dirigente e docente como o corpo docente e os meios de realizar sua educação integral são fatores tão importantes no exito do empreendimento social, que tudo nele deve ser objeto de maiores cuidados possiveis, e de amplos recursos materiais e culturais.

Por isso pensamos que ao lado dessas escolas e cursos seja criado um órgão de pesquisa pedagogica e de sociologia educacional onde estudiosos de alto padrão científico possam, sem pressa e afobação, estudar os problemas e planejar realizações atinentes a educação em ambientes de niveis diversos de cultura e civilização. Cabera ainda a esse órgão o preparo e especialização de lideres da educação rural e professores dos Cursos normais e de aperfeiçoamento pedagogico. Sem o complemento dessa pesquisa e da especialização, a educação em meios rurais não passara de um tateamento empirico, por mais dispendiosos que fossem os esforços dos governos e particulares no campo de educação rural.

Ao concluir essas longas considerações, todas elas derivadas da experiencia da Fazenda do Rosario, cuja historia acabamos de relatar, voltamos nossas esperanças para um futuro não mui remoto, quando, ao lado das instituições pedagogicas e serviços a comunidade, já existentes na Fazenda do Rosario, surgira o que chamaremos de Instituto Superior de Educação Rural. Cabera a ele a orientação geral do centro rural. Estudando ampla e profundamente todos os fatores e todos os instrumentos da ação pedagogica, formando os lideres do movimento ruralista fara da educação a força social capaz de transformar o meio rural brasileiro, numa realidade auspiciosa para a Nação.

O Instituto Superior de Educação Rural ha de aparecer na Fazenda do Rosario, como tem aparecido nela, e os outros órgãos de utilidade publica: com a colaboração de pessoas de boa vontade.

Aqui fica nosso apelo a todos eles.

*Helena Antipora*

CURSO DE ADMISSÃO AO CURSO NORMAL  
REGIONAL NA FAZENDA DO ROSÁRIO --

Diário de 13 de setembro de 1949

Acordei com o sinal para levantármós. Fizemos as orações da manhã com D. Bárbara e aprontamos muito depressa para ginástica. As 6 hs. e 30, fomos para o ar livre e com D. Nadir tivemos a primeira aula de ginástica. D. Nadir contou-nos que é muito útil a ginástica principalmente a parte do exercício de respiração. Ficámos bem cansadas, mas achamos ótímo o exercício e por isso aguardamos ansiosas a próxima aula. Após a primeira refeição cada turma foi para o seu serviço. Enquanto Elza e Conceição aguaram as roseiras e jardineiras, eu fui apanhar alecrim e fazer vassouras para varrer os terreiros. Estava bem contente e disposta ; achei que até os canarinhos que já começam a cantar aquí tôdas manhãs, hoje cantaram mais bonito e alegre. Parece que advinhavam que D. Aurea se achava melhor e sem perigo. E foi justamente esta a notícia que D. Helena nos deu. As 9 horas fizemos um exercício de testemunho com D. Helena, o qual estava difficilimo, pois, não me recordava nada mais sôbre o cartaz que estava na parede. Depois dêste exercício, uma turma teve aula de fantoche com D. Elza, enquanto as outras turmas trabalharam na horta, cozinha e limpezas.

20 minutos antes do almôço D. Elza nos ensinou uma dança de roda muito engraçadinha. Almoçou conosco: D. Elza e almoçaram, também, o prof. Miguel, o Pe. de Santo Antonio do Monte, que veio aquí especialmente para visitar a nossa coleguinha Alaíde ; a avó de Niuza que veio visitá-la. Após o almôço, lavamos e preparamos o alpendre para a aula do Dr. Marques. As 13 horas, tivemos aula de economia doméstica com D. Nadir. O ponto principal da aula foi : como arranjar os armários e vestiários. Estou convencida de que esta aula é utilíssima, por isso vou ficar bem atenta e procurar fazer tudo como ela nos ensina.

Em seguida a esta, tivemos aula de música com sargento Raimundo. Antes de terminar esta aula, chegou o Dr. Marque que tomou o lanche conosco. Depois do lanche tivemos aula com êle. Primeiramente recordamos o que é inseto, e depois êle nos mostrou um grilo morto que faltava duas pernas, e eu fiquei encarregada de encanar as pernas do grilo. Além de outras coisas que êle nos mostrou, trouxe também o aparelho digestivo de uma galinha e contou como é feito a sua digestão. Ele disse que a galinha engole um grão de milho por exemplo ; êsse grão de milho escorrega pelo esôfago e cai no papo. Aí êle incha, arrebenta e sai a casquinha de cima que se chama celulose. Do papo êle ainda segue pelo esôfago e vai ao pro-ventrículo. Do proventrículo à moela. Na moela, a galinha tem sempre areia ; e essa areia é que auxilia na digestão do milho, moendo-o e transformando em uma massa parecida com pirão de farinha. Essa massa tem uma parte útil que é transformada em sangue e a parte inútil é expelida. O aparelho digestivo da galinha é semelhante o aparelho digestivo do homem. Depois desta aula, eu fui com os meninos tirar o monte de tijolos que estava ao lado da casa, e empilhar a lenha de trás da caixa. Durante o jantar ouvimos a leitura do diário de Afonsina. Após o jantar tivemos aula de desenho do prof. Francisco. Começamos a desenhar um vaso, mas as 9 horas deu o sinal para o chá, deixamos então o desenho para terminá-lo na próxima aula. Tomamos o chá e fomos dormir, tendo antes resado o têrço em conjunto, como fazemos todos os dias.

Observação do tempo : Amanheceu fazendo frio. O sol saiu embaçado escondido detrás das nuvens. As 9 horas apareceu claro e quente. O céu limpou-se e o dia ficou bonito e alegre até as 16 horas. Das 16 horas até a noite o tempo mudou para chuva. O sol tornou esconder-se entre as nuvens e o céu ficou cheio de fumaça.

Boas ações : Catei alguns papeis que jogaram no terreiro que tinha acabado de varrer.

TERESINHA MARIA MARQUES, representante do município de PIUM-I, MINAS, aluna do curso de admissão.

## A CASA DE REPOUSO

No dia 11 de maio de 1941, inaugurou-se o primeiro pavilhão da Casa de Repouso na Fazenda do Rosário. Foi convidado o amigo da Sociedade Pestalozzi o virtuoso educador Monsenhor Artur de Oliveira dar a bênção à Casa, deixando no Livro, Diário da Casa de Repouso, a tradução da oração proferida :

" Abençoi, Senhor, Deus onnipotente, esta casa, para que nela haja saúde, castidade, vitória, virtude, humildade, bondade e brandura da lei e ação de graças a Deus Padre, ao Filho, ao Espírito Santo ; e permaneça esta bênção sôbre esta casa e os que nela moram agora e por todos os séculos dos séculos. Amen "

Além de sua finalidade direta - servir ao descanso de professores e de intelectuais, de pessoas que trabalham na cidade e não dispõem de meios ou de tempo para viagens longas ou estadas em lugares mais dispendiosos para veraneio, - a Casa de Repouso foi um pretexto para o desenvolvimento maior da vida social na Fazenda do Rosário. Pensou-se ainda que a Casa permitiria a sócios e amigos da Sociedade Pestalozzi acompanhar as atividades de sua obra nascente. Era uma maneira discreta de controlar e auxiliar uma instituição de interesse público, cuja manutenção exigia cada vez maiores despesas com maior número de menores acolhidos em sua Granja-Escola. Ainda que modestas as contribuições para a hospedagem, os " paying guests " que ali se encontravam ajudavam ainda comprando à Fazenda os produtos de sua horta, pomares e pequenas indústrias rurais.

A primeira diretora da Casa de Repouso era uma senhora russa, viúva de um engenheiro. Dotada de belas qualidades de inteligência e de coração, culta, com inesgotável reserva de energia e de alegria, Dona Nina Stavrovietzki era a pessoa nascida para êste mistér. Os quatro anos que dirigiu a Casa, deixaram em centenas de hóspedes que por ela passaram as mais gratas lembranças da

maneira como foram atendidos por esta senhora de raros dotes.

A admissão dos hóspedes era duplamente controlada : exigindo-se dum lado o atestado médico que não sofria o candidato de doenças infecto-contagiosas nem de doenças nervosas graves, do outro apurava se a idoneidade moral através da apresentação por sócios e a diretoria da Sociedade Pestalozzi. Felimente, a grande maioria de hóspedes não somente voltavam a Casa em estadias repetidas, como ainda tornavam-se amigos da Fazenda do Rosário e das crianças alí amparadas, proporcionando a estas festinhas, brinquedos e gulodices ao mesmo tempo que traziam outros hóspedes e outros sócios, ex-officio, à Sociedade.

Para mostrar o valor da Casa de Repouso como agência de higiene mental tão necessária à sociedade de nossos dias confinada nas turbulentas cidades, extrairmos ...

Algumas anotações dos hóspedes do Livro da Casa de Repouso : Eis uma : " Dificilmente poderemos esquecer os momentos felizes que passamos neste delicioso lugar, que tem, aliado aos maravilhosos encantos com que o dotou a Natureza, a solidão confortadora, tão necessária aos espíritos que vivem no constante bulício das Cidades... "

Numa outra : " Foram um parêntesis salutar em nossa vida de trabalhos e preocupações os breves dias que passamos na Casa de Repouso.

Depois do descanso proporcionado pelo contacto com a natureza, o silêncio, o tratamento verdadeiramente maternal por parte da D. Nina, sentimo-nos revigorados e voltamos aos nossos afazeres ... "

Mais uma : " como compositor de música levo daqui a maior saudade desses dias que passei no seio da natureza, com os passarinhos, onde colhi alguns temas, com os quais tentarei criar algo de interessante ... "

Mais outra : Um pouco de poesia campesina em minha vida de cidade - eis a recordação que levo dos cinco dias passados na Fazenda do Rosário, num ambiente que me trouxe à memória versos de

Djalma Andrade sôbre " A alegria de viver ", e cujo final deixo, porque penso traduzirem bem a impressão que a minha sensibilidade recolheu dêsses dias maravilhosos :

" Tudo em tôrno é tão puro e tão bom  
 Que a criatura feliz em diurna colheita  
 Enche as mãos sem querer (como as mãos são  
 pequenas !)

De perfume, de sol, de côr, de luz, de som ! "

Escreve um médico : Esta é a 5ª vez que aqui venho. Nada mais precisaria dizer para manifestar o bem que me faz êste ambiente. Contudo, a solidão momentânea induz-me a escrever um pouco mais, aproveitando o silêncio, quanto os outros hóspedes fazem a sesta.

Cheguei a esta Granja em busca de descanso para o cérebro exausto das lidas quotidianas e contrariedades acumuladas na Capital. O indefinível bem estar que me causa êste ambiente começa a sentir logo que deixo a estação de Ibirité e estendo a vista sôbre as belas paisagens em que se destacam as montanhas verdes, povoados de inúmeros coqueiros seculares, contrastando com os vales em que sobressai o verde claro dos canaviais, arrozais e outras plantações, denunciadoras da atividade dos poucos habitantes da região.

O marulhar das águas dos regatos e ribeirões encachoeirados entre as colinas e bosques, a orquestra da passarada extraordinariamente numerosa ~~variada~~, o mugido dos bois, a pureza do ar que nos invade os pulmões, o perfume do mato, que uma brisa suave nos traz, fazem com a beleza panorâmica um conjunto harmonioso, imensamente benéfico aos nossos sentidos diuturnamente contundidos nos grandes centros civilizados.

E' neste cenário encantador oferecido pela natureza que vamos encontrar uma colmeia humana, digna da nossa maior atenção : são os meninos retardados mentais, em número aproximadamente de sessenta e evangélicas professôras a que a Sociedade Pestalozzi os confiou.

Entrando em contacto com êles, sentimos por

êsses meninos um misto de comiseração e prazer : corta-nos o coração a sua inferioridade mental, acompanhada em quase todos os casos de inferioridade física. Sentimos, em compensação, o prazer, verdadeiro consôlo, de vê-los carinhosamente tratados e metamorfoseados aqui em indivíduos capazes de viverem como seres humanos, úteis a si mesmos e não mais como pesos mortos, para a sociedade. Olhamos com indizível admiração e respeito as professoras que anos a fio se dedicam com altruismo extraordinário a essa obra de tamanho alcance social e religioso. Contemplando êsse quadro tão edificante das nobres almas que com carinho de mães se dedicam a difícilíssima missão de instruir e educar crianças anormais, nosso pensamento volta-se naturalmente para quem imaginou e executou essa formidável obra social ...

Externando meu pensamento sôbre o ambiente e personagens da Fazenda do Rosário, não posso silenciar sôbre as manifestações de progresso aqui encontradas desta vez. Tantas e de tamanho alcance são as obras realizadas, ou em andamento aqui observadas, que bem revelam a capacidade dinâmica e humanitária de quem as empreendeu. "

Esta Casa de Repouso acolheu centenas de hóspedes, ficou com sua função temporariamente parada, quando em junho de 1948 recebia a primeira turma de alunos e professores do 1º Curso de Aperfeiçoamento para professores rurais. Mudando de finalidade não era mais de Repouso e sim um intenso trabalho que alí se desenvolvia.

Por falta de recursos financeiros, necessitando as suas instalações de concertos e de ampliação, pois conta apenas com seis quartos e duas salas e cozinha, hoje a Casa de Repouso continúa sem funcionamento como tal, embora constantes são os pedidos de hospedagem, e grandes os benefícios que poderia oferecer no campo aos trabalhadores intelectuais e suas famílias. Espera a Sociedade Pestalozzi melhores dias e auxílios financeiros para realizar seus planos que se enquadram racionalmente no propósito de realizar uma obra de higiene mental no meio rural para os homens da cidade.